



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**ESTAÇÃO DE VILA DE CAVA COMO “LUGAR DE  
MEMÓRIA”: (re)significações e sentidos em torno de um  
patrimônio cultural**

**Primeiro semestre – 2017**



**JOANA D`ARC CESAR VIANA**

**ESTAÇÃO DE VILA DE CAVA COMO “LUGAR DE  
MEMÓRIA”: (re)significações e sentidos em torno de um  
patrimônio cultural**

Monografia apresentada no âmbito do Curso de Licenciatura em História do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciada em História.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Raquel Alvitos Pereira

Co-orientador: Prof<sup>º</sup> Dr José Costa D´Assunção Barros

**Primeiro semestre – 2017**



## JOANA D`ARC CESAR VIANA

### ESTAÇÃO DE VILA DE CAVA COMO “LUGAR DE MEMÓRIA”:

#### (re)significações e sentidos em torno de um patrimônio cultural

Monografia apresentada no âmbito do Curso de Licenciatura em História do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciada em História.

Tendo sido aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

#### BANCA EXAMINADORA

---

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Raquel Alvitos Pereira (UFRRJ-IM)

---

Co-orientador: Prof<sup>o</sup> Dr. José Costa D´Assunção Barros (UFRRJ-IM)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Mônica da Silva Ribeiro (UFRRJ-IM)

---

Prof<sup>o</sup> Dr. Otair Fernandes (UFRRJ-IM)

**Cesar Viana, Joana D`Arc**

**ESTAÇÃO DE VILA DE CAVA COMO “LUGAR DE MEMÓRIA”:** (re) significações e sentidos em torno de um patrimônio cultural / Joana D`Arc Cesar Viana, 70f, 06 fotos, 09 imagens, 01 mapa, Rio de Janeiro, 2017.

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup> Raquel Alvitos Pereira**  
**Co-orientador: Prof<sup>º</sup> Dr<sup>º</sup> José Costa D`Assunção Barros**

**Monografia apresentada no âmbito do Curso de Licenciatura em História do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciada em História.**

**1-Memória 2-História 3-Patrimônio 4-História Oral 5-(re)significações**  
**6 - Estação de Vila de Cava do Sapê 7 - Velha Iguaçu**

*“... O apito da Maria Fumaça é como poesia e traz lembranças de uma época de vida mais simples em que esta era a maneira mais rápida e barata de se deslocar entre as cidades ... Era também o sinal do progresso, da economia caminhando e um evento à parte, que reunia as crianças no quintal de casa para ver a locomotiva passar ...”*

*Lucas Paraízo – Havia trem aqui*



## DEDICATÓRIA

*A preferida do meu saudoso e querido irmão Jorge Aldir*

É foi ruim à beça  
Mas pensei depressa  
Numa solução para a depressão  
Fui ao violão  
Fiz alguns acordes  
Mas pela desordem do meu coração  
Não foi mole não  
Quase que sofri desilusão  
Tristeza foi assim se aproveitando  
Pra tentar se aproximar  
Ai de mim  
Se não fosse o pandeiro, o ganzá e o tamborim  
Pra ajudar a marcar  
Logo eu com meu sorriso aberto  
O paraíso perto, pra vida melhorar  
Malandro desse tipo  
Que balança mais não cai  
De qualquer jeito vai  
Ficar bem mais legal  
Pra nivelar  
A vida em alto astral

*Imortalizada por Dona Jovelina Perola Negra*

*Compositor: Guaraci Sant`Anna "Guará"*

## AGRADECIMENTOS

À professora e amiga Cristina Barros, que sempre acreditou no meu potencial desde a adolescência em suas aulas de Geografia, doando o seu tempo e concedendo a uma ex-aluna aulas particulares sem custo, para que esta passasse em um Concurso Público e conquistasse seu primeiro emprego.

Ao professor José Costa D'Assunção, por me ajudar com os estudos na composição desta pesquisa com atenção e amizade.

À professora Raquel Alvitos, por ter compartilhado seus conhecimentos e pacientemente comigo, norteando-me na empreitada deste grande sonho, pois mais do que uma pesquisa, essa é a realização de falar do meu lugar, da minha gente e das minhas raízes.

Aos meus amigos Bruna, Maria Lenice e Wander por me incentivarem a fazer essa pesquisa, encorajando-me a seguir meu coração.

À amiga Shirlei Tereza, e às vezes mãe, sendo aquela que por vezes puxa a minha orelha quando necessário, mas que também torce e ora por mim, estando sempre ao meu lado.

A meu irmão Luiz Cláudio que me incentiva, torce por mim e sempre me lança um olhar lindo e cheio de orgulho todas as vezes que nos encontramos.

A minha mãe Dona Maria da Penha, que mesmo distante, sempre me incentivou, para que eu seguisse firme, sem jamais desistir dos meus objetivos.

A minha grande amiga Claudete por estar sempre comigo em todos os momentos de minha vida.

Ao meu companheiro amigo e irmão Jorge Aldir, exemplo de caráter e ser humano, que lavava carros para comprar meus cadernos, antes mesmo de comprar os seus, e que me ensinou com maestria a amarrar os sapatos, me protegendo de todos os perigos da vida. Hoje, *in-memória*, mas sempre lembrado em meu coração. Encontro-te nas estrelas, meu irmão.

E por fim, agradeço a Deus por tudo que sou e pelo que tenho. E se o céu é o limite, o meu desejo é voar, com a ajuda de Deus, dos anjos e dos meus mentores.



## **LISTA DE ABREVIATURAS**

CEDAE – Companhia Estadual de Água e Esgoto

INEPAC – Instituto Estadual do Patrimônio Cultural

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

MPF – Ministério Público Federal

SPHAN – Serviço de Patrimônio Histórico Artístico e Nacional

SPU – Superintendência do Patrimônio da União

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação Ciência e Cultura



## SUMÁRIO

<b>I) INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>II) CAPÍTULO 1 – ENTRE A HISTÓRIA E A MEMÓRIA: <i>estação prosperidade</i></b> .....	16
<b>1.1 - Historicidade: <i>Dos mananciais de Piedade do Iguassú à construção de Cava</i></b> .....	23
<b>1.2 - VILA DE CAVA: <i>as (re)significações e apropriações vinculadas à Estação e a memória coletiva</i></b> .....	28
<b>III) CAPÍTULO 2 – ‘LUGARZINHO DE NADA’: <i>memória é sentido em relatos orais</i></b> .....	33
<b>2.1 – PATRIMÔNIO É MEMÓRIA: <i>dimensão material e simbólica</i></b> .....	36
<b>2.2 – Vivência é memória: <i>lembranças da estação de Vila de Cava</i></b> .....	36
<b>IV) CAPÍTULO 3 – SINGULARIDADES HISTÓRICAS DE VILA DE CAVA: <i>Histórias e “lugares de sentido” na perspectiva da Educação Patrimonial</i></b> .....	45
<b>3.1 – SINGULARIDADES NA PRODUÇÃO DE SENTIDO: <i>individualidades, percepções e educação acerca do patrimônio</i></b> .....	46
<b>3.2 – A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: <i>o aprender fazer produz sentido</i></b> .....	49
<b>V) CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	53
<b>VI) BIBLIOGRAFIA</b> .....	55
<b>VII) REFERÊNCIAS</b> .....	57
<b>VIII) ANEXOS</b> .....	58
<b>8.1) ANEXO I – GLOSSÁRIO</b> .....	59
<b>8.2) ANEXO II - CRONOLOGIA DA ESTAÇÃO VILA DE CAVA</b> .....	61



**8.3) ANEXO III – PROCESSO DE TOMBAMENTO DA ESTAÇÃO DE VILA DE CAVA .....62**

**8.4)ANEXO IV – ACERVO ICONOGRÁFICO DA ESTAÇÃO DE VILA DE CAVA.....71**

## RESUMO

A estação de Vila de Cava agrega memórias distintas que atravessaram diferentes temporalidades, e, por isso, constitui-se como expressivo “lugar de memória” que abarca diferentes sentidos, que foram modificando-se de geração a geração. Essas memórias estão ligadas e, muitas vezes, se superpõe remontando a sua fundação no século XIX e a outras temporalidades, e se encontram presentes nas histórias contadas pelos antigos moradores da região. Aqueles que viajaram no trem de carga a carona, aqueles que dizem que foram funcionários ou filhos destes, aqueles que utilizaram o prédio como um espaço de aprendizado com o Movimento Brasileiro de Alfabetização em 1967 (MOBRAL), ou simplesmente, aqueles que de nada participaram diretamente mais presenciaram as tantas (re)significações pelas quais passou o prédio da antiga estação. Procura-se, portanto, estabelecer um diálogo entre os “lugares de memória” e a produção de sentidos em torno deste patrimônio cultural que se estabelece na fronteira entre o patrimônio material e imaterial. É importante destacar que a estação de Vila de Cava pode ser considerada uma fonte histórica e cultural, pois está presente no cotidiano e na memória da população, e hoje existem distintas representações históricas vinculadas à diferentes temporalidades da estação, que trazem à tona elementos de pertencimento e de coesão social. Trata-se de um legado histórico ainda presente que remonta a história social de Vila de Cava, a própria formação desse bairro e sua historicidade que aparece nas estórias dos grupos que viveram e vivem na localidade da estação. A estação de Vila de Cava encontra-se entre a “história e a memória”. A História nos permite entender os fatos e acontecimentos que ocorreram em torno dela, e qual o seu papel e valor histórico para a sociedade e a memória nos permitem compreender os sentidos que cada um desses fatos e acontecimentos proporcionou a comunidade de Vila de Cava para que, hoje, ela se constitua como um patrimônio cultural. Se, por um lado, a História nos permite entender os fatos e acontecimentos que ocorreram em torno dela, e qual o seu papel e valor histórico para a sociedade, por outro lado, a memória nos permite compreender os sentidos que cada um desses fatos e acontecimentos proporcionou a comunidade de Vila de Cava. Todos esses múltiplos sentidos permitem que, hoje, ela se constitua como um patrimônio cultural a ser difundido pela perspectiva da Educação Patrimonial.

## INTRODUÇÃO

A estação de Vila de Cava constitui-se como objeto de estudo desta pesquisa e as muitas percepções que giram em torno dela, serão mapeadas neste trabalho especialmente com base em relatos orais. Múltiplas foram às histórias construídas, a partir do final do século XIX, ligadas à estação de Vila de Cava, por isso a mesma é expressivo “lugar de memória” para os moradores que vivem hoje no bairro de Vila de Cava em Nova Iguaçu.

A estação de Vila de Cava é para muitos moradores locais, um lugar de sentido e pertencimento ligado às memórias afetivas mais profundas de moradores locais, inclusive, a minha. Trata-se de um espaço marcado por muita interação social, por isso, muitos são os significados e sentidos que a população do entorno da estação constituiu e preservou sobre a mesma. A recuperação desses sentidos é ponto de partida fundamental para revitalizar a estação, seu lugar, sua gente e sua história e, para inscrever a mesma como patrimônio cultural.

Procura-se, reinscrever nesta pesquisa a estação como um “lugar de memória”, a partir do resgate dos muitos sentidos que se formaram em torno da mesma. O presente estudo dedica-se, portanto, a pesquisar a estação de Vila de Cava com o objetivo de resgatar suas memórias e seu valor histórico. Entende-se que o diálogo com a noção de patrimônio é fundamental para que a estação se consolide, de fato, como um bem patrimonial, já que a mesma tem atualmente seu processo de tombamento em curso.

Lamentavelmente todo esse legado esbarra, hoje, em questões judiciais que giram em torno do processo de tombamento ainda provisório do prédio da antiga estação. Trata-se de um embate, que perdura desde 1989 em processos judiciais entre o Ministério Público Federal (MPF), a Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC) e a Superintendência do Patrimônio da União (SPU) do Rio de Janeiro.

Estes órgãos que deveriam preocupar-se com o legado histórico da região, durante todo esse tempo, não encontraram uma solução para que se concretizasse o processo de recuperação e preservação da estação de Vila de Cava. Apesar de o prédio estar sob a tutela do Estado, não há qualquer perspectiva para que se solucionem os

problemas a respeito da estação. Ainda há o desconforto acerca do problema fundiário nas áreas da mesma, já que em seus arredores e dentro do próprio prédio há diversas famílias vivendo em ocupações irregulares.

Todos concordam que o prédio da estação não deve ser demolido e que a solução deveria ser através de alternativas administrativas e medidas de preservação e restauração do local. Infelizmente, o que se pode notar é um grande choque de tensões entre os órgãos competentes e a ausência de soluções plausíveis para solucionar os contratempos em questão.

Diante deste contexto histórico, não se pode negar o valor da estação como um traço do passado ainda presente, sendo a mesma expressão da história local, que além de reconstruir a identidade da comunidade de Cava, recupera o vivido e possibilita o resgate de elementos históricos desta parte da região Fluminense, ainda lembrados por muitas pessoas da localidade. Valorizar a estação de Vila Cava como um bem patrimonial é fundamental para o resgate da identidade da Baixada Fluminense e para a sua inserção na própria História do Brasil, já que a mesma passou por processos históricos ainda no período regencial e por importantes medidas políticas de Estado.

É relevante destacar, ainda, que se buscou nesta pesquisa problematizar as discussões sobre o conceito de patrimônio, utilizando a História Oral como método teórico-metodológico, com o objetivo de se perceber e apreender as relações entre a História e as memórias locais. Realizaram-se entrevistas e abordagens temáticas para a partir destas criar mecanismos de aproximação dos “lugares de memória” dos moradores entrevistados e das histórias de suas vidas.

A pesquisa apresenta um número limitado de entrevistados, mas o que se buscou na realidade foram depoimentos significativos e relevantes que estão voltados, como destaca ALBERT, majoritariamente para os aspectos qualitativos e não quantitativos.

*“... É somente durante o trabalho de produção das entrevistas que o número de entrevistas começa a descortinar com maior clareza, pois é conhecendo e produzindo as fontes de sua investigação que os pesquisadores adquirem experiência e capacidade para avaliar o grau de adequação do material já obtido ... é o pesquisador conhecendo progressivamente seu objeto de estudo...” (ALBERT, 2003, p.36)*

Para tanto se dividiu o presente trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado *Entre a História e a Memória: estação prosperidade*, pretende-se apresentar a estação de Vila de Cava, como ela se constitui e quais as apropriações que ela passou. Discute-se ainda o processo de tombamento e os elementos legais que viabilizaram a patrimonização da mesma.

Já o segundo capítulo, intitulado por *Lugarzinho de nada: memória é sentido em relatos orais*, aborda os lugares de sentido que giram em torno desse patrimônio através da análise de relatos orais dos moradores de Vila de Cava. Busca-se resgatar elementos que valorizam a estação, sua história e o que a consagram como objeto de rememoração e patrimonialização, através dos sentidos e (re)significações agregados a mesma.

O terceiro capítulo, intitulado como *Singularidades Históricas: História, os “lugares de sentido” na perspectiva da Educação Patrimonial* têm como objetivo de análise dos “lugares de sentido” apresentados na vivência e no olhar dos moradores que experimentaram de maneira diferenciada e única a estação, sendo íntima referência de cada um dos indivíduos. Tais memórias acabam por ultrapassar a barreira da materialidade, transformando a estação de Vila de Cava em um patrimônio que vai além do monumento da “pedra e do cal”, se constituindo na fronteira do intangível. Essas percepções só poderão ser construídas de fato através da coesão social, a partir das premissas da Educação Patrimonial.

Para melhor compreensão e análise do objeto de estudo dessa pesquisa foram disponibilizados nos anexos e imagens da estação de Vila de Cava na atualidade, fotos do processo de tombamento, uma cronologia das temporalidades históricas da estação e também um glossário com termos mais específicos sobre a temática em questão.

Objetiva-se, a partir dos referenciais acima expostos, pesquisar as relações entre a História, as memórias locais e as (re)significações, que se constituíram a partir do final do século XIX, em torno da estação de Vila de Cava. E, assim, observar as experiências dos moradores da região e suas relações diretas ou indiretas com a estação, buscando compreender como elas foram se sucedendo e inscrevendo a estação como um “lugar de memória”.



É importante destacar, por fim, os limites desse trabalho de pesquisa que se constitui como mais um passo importante e ao mesmo tempo fascinante da arte do “fazer histórico”. Essa experiência, sem dúvida para mim, foi muito estimulante. Me desperta o desejo de retomar o tema, diversificando as fontes e aprofundando o suporte teórico que sustenta esta monografia, tornando envolvente o desejo de resgatar a história do meu lugar, da minha gente e a minha própria história.

## CAPÍTULO I – ENTRE A HISTÓRIA E A MEMÓRIA: *estação prosperidade*

A Rua Álvaro Gonçalves é um espaço singular. Observa-se, ali, naquele lugar esquecido, não somente a velha estação, mas, nos rumores que ainda a cercam, o que ela foi, o que ela é, e o que se pode esperar dela para o futuro.

A estação ferroviária de Vila de Cava o objeto em questão desta pesquisa, tem aproximadamente 1.400 metros quadrados e faz parte de um conjunto de edículas possuindo uma arquitetura menos clássica, de características próprias que a diferencia das outras estações do mesmo ramal.

*“... São as antigas estaçãozinhas ferroviárias Tinguá, Jaceruba, Cava e Rio D’Ouro, cujo ramais encontram-se desativados, mas que permanecem presentes nesses lugarejos com sua arquitetura característica. (...) Debruçar-se sobre a história é a tentativa de recuperar um pouco desta identidade na busca de suas raízes culturais, reconstruindo a imagem esquecida de que Nova Iguaçu é antes de tudo terra de morar e lugar de afeto de sua comunidade...”<sup>1</sup>*

O fragmento acima é um trecho do documento escrito pelo Grupo de Trabalho para a Preservação do Patrimônio Natural e Cultural que integrava a Secretaria Municipal de Planejamento (SEMPLA) e produziu na década de 80, um “levantamento de bens culturais do município de Nova Iguaçu”. O documento foi encaminhado ao Secretário de Planejamento<sup>2</sup> do município fluminense e, posteriormente, as autoridades das esferas municipais<sup>3</sup> e estaduais<sup>4</sup> da época. Nele nota-se o olhar cuidadoso, orientado por uma perspectiva clássica de patrimônio pertinente à época, com a qual o grupo descreveu tais bens culturais. O Grupo observou e valorizou não só a arquitetura, mas

---

<sup>1</sup> Trata-se de um processo encaminhado ao INEPAC pela Prefeitura de Nova Iguaçu, no ano de 1989, cujo intuito era apresentar o “levantamento dos exemplares mais significativos do patrimônio cultural de Nova Iguaçu.” Integravam os bens arrolados no processo a Igreja Santo Antônio da Prata, Capela da Fazenda da Posse, Igreja da Nossa Senhora da Conceição de Queimados, Igreja da Nossa Senhora da Conceição de Marapicu, Capela da Nossa Senhora de Guadalupe, Lar de Joaquina e o Entrepasto de Laranjas, Instituto de Educação Rangel Pestana, Reservatório de água Rio D’Ouro, Antiga estação Ferroviária de Tinguá, Antiga Estação Ferroviária de Jaceruba, Antiga Estação Ferroviária de Vila de cava, Antiga Estação Ferroviária de Rio D’Ouro, já que os mesmos eram considerados parte importante da memória do município. (Processo de tombamento provisório, nº E-12/000117/89 – INEPAC.)

<sup>2</sup> É importante destacar que o Secretário de Planejamento do município de Nova Iguaçu, de 1989 a 1992, era Álvaro Peixoto.

<sup>3</sup> Vale sublinhar que o Prefeito da cidade de Nova Iguaçu, de 1989 a 1992, foi Aluisio Gama.

<sup>4</sup> É relevante salientar que o Governador do Estado do Rio de Janeiro, de 1987 a 1991, foi Wellington Moreira Franco.

também enunciou que a estação estabelece relações de pertencimento e identidade com a população iguassuana. É importante destacar, portanto, que as referências atribuídas à estação através do processo de Tombamento Provisório, demonstram claramente que mesmo estando abandonada, a mesma ainda permanecia na memória social coletiva.

A respeito do trecho do processo de tombamento, cujo documento se refere à descrição da estação em seus elementos arquitetônicos, em análise, nota-se que o grupo descreve a mesma, apresentando a seguinte informação: “*A edícula que servia de bilheteria, é uma construção bastante simples, de tratamento “art-deco”, cuja laje de cobertura avançada além da platibanda formando um pequeno beiral...*” Tomando como base a data da inauguração da estação e o conceito a ela atribuído, pode-se dizer que neste há enorme um equívoco, já que a arte-decô é um estilo artístico inaugurado na Europa no século XX. Ganhando força a partir de 1930 nos Estados Unidos, através da construção de grandes arranha-céus, enquanto a estação de Vila de Cava é uma construção ainda inaugurada no século XIX, sendo ambígua a idéia de atribuí-la a tal conceito.

Contrapondo o primeiro conceito, o grupo apresenta um segundo, em que descrevem a estação da seguinte maneira: “... *A estação é uma construção de dois pavimentos em estilo “misiones”<sup>5</sup> simplificado ou californiano, muito comum nas construções residenciais da época...*” Percebe-se a dúvida do grupo neste segundo fragmento do documento, já que eles mencionam dois estilos arquitetônicos, *misiones* e *californiano*<sup>6</sup>. Analisando o conceito *misiones* e a data da construção da estação, há grandes possibilidades de acerto do grupo, já que o estilo aqui analisado teve grande popularidade e aceitação nos anos finais do século XIX.

---

<sup>5</sup> É importante destacar que o estilo *misión*, *missione* ou estilo da missão é um movimento arquitetônico que começou nos Estados Unidos, no final do século XIX, inspirado nas missões espanholas. Cf. KESSEL, Carlos. *Estilo, disputa e poder: arquitetura neocolonial no Brasil*. Artigo Doutorado História Social, IFSC- UFRJ, Campinas, 1999. Cf. [www.ifch.unicamp.br](http://www.ifch.unicamp.br) Acesso em 12 – 05- 2015

<sup>6</sup> É interessante sublinhar que o estilo californiano também conhecido como estilo neocolonial hispano- americano surgiu nos anos iniciais do século XX. Cf. KESSEL, Carlos, *Estilo, disputa e poder: arquitetura neocolonial no Brasil*. Artigo Doutorado História Social, IFSC- UFRJ, Campinas, 1999. Cf. [www.ifch.unicamp.com](http://www.ifch.unicamp.com) Acesso em 12 – 05 - 2015

## *Estação de Vila de Cava*



Fonte: Site INEPAC – 02/11/2015

Dentro da perspectiva de análise do documento em questão, pode-se afirmar que as descrições dadas aos prédios da estação, sofrem uma ambiguidade em relação aos conceitos e estilos arquitetônicos atribuídos a mesma. Vale ressaltar que aqui é negada qualquer intenção de julgamento ao trabalho do grupo, cujo intuito era demonstrar às autoridades a importância da Estação de Vila Cava para a região, naquele primeiro momento. Em diálogo com a perspectiva patrimonial da época, o Grupo de Estudos buscou, então, as singularidades arquitetônicas e artísticas da estação para elevá-la a dimensão de bem patrimonial. Esta pesquisa se propõe a realizar a análise do processo de patrimonialização da Estação de Vila de Cava para que se possa entender todo o

contexto sobre a mobilização social que pleiteia o tombamento da mesma naquele período. É interessante aqui pontuar a reflexão de Márcia Chuva (CHUVA, 2012) que afirma que

*“... o recurso a interpretação em diacronia e o reconhecimento da pertinência de diferentes temporalidades em um mesmo contexto de espaço-tempo além do trabalho sistemático com fontes documentais de diferentes naturezas permitem ao historiador na maioria das vezes identificar novos problemas que estavam ocultos...” (p.15)*

Em resumo, a autora descreve neste trecho, que o trabalho de análise com fontes documentais dependendo do período e da sociedade para a qual as mesmas se dispõem, pode ser investido de diferentes interpretações. Pode-se, ainda, descobrir nelas, algum outro vestígio ou ponto de vista ainda não percebido anteriormente pelo historiador.

No que diz respeito à análise do contexto arquitetônico da estação, pode-se atribuir a ela uma ambiguidade de conceitos. Talvez, pelo fato do texto ser produzido por várias mãos, já que o Grupo de Trabalho era composto por sete integrantes. Pode-se ainda observar a bibliografia referenciada pelo grupo, já que analisando as mesmas através do processo de tombamento, percebe-se a falta de uma bibliografia específica ao tema em questão. Pressupõem-se, assim, que estes seriam os fatores que levaram a leitura do modelo arquitetônico da Estação de Vila de Cava, a conceitos antagônicos tanto em suas propostas de estilo quanto em suas temporalidades.

Destaca-se, ainda, que o Grupo de Trabalho para a Preservação do Patrimônio Cultural, dialoga com uma noção incipiente de patrimônio cultural e a própria estrutura legislativa do ano de 1989. Trata-se de uma época em que só havia o recurso de tombamento. Somente a partir dos anos 2000, nasce através do Decreto 3.551 de 04 de agosto, a noção de patrimônio imaterial ou intangível, e se instituiu o inventário ou registro desses bens patrimoniais. É importante destacar que a própria Constituição Federal trata a partir de então a considerar o poder público e a comunidade responsável pela preservação dos bens compreendidos como patrimônio.

Além do referencial de patrimônio histórico o de Trabalho que se volta para a patrimonialização da estação dialoga de forma ainda superficial com a perspectiva cultural, por isso, a justificativa para o tombamento vincula-se a conceitos do campo das artes clássicas e da arquitetura. Trata-se de uma perspectiva de patrimônio tradicional,

sem a compreensão das vozes existentes no próprio espaço que desde a sua construção tornou-se lugar de inserção social, limitando-se na visão “preservacionista” dos monumentos de “pedra e cal” (ABREU e CHAGAS, p.13, 2003).

Vale ressaltar que o grupo produziu o documento sob a supervisão do INEPAC<sup>7</sup>, e que o produto resultou em uma espécie de dossiê que reuniu doze bens considerados Patrimônios Históricos de Nova Iguaçu. Dentre eles estavam as estações de Vila de Cava, Tinguá, Jaceruba e Rio D’Ouro. O texto completo foi encaminhado à Subsecretaria do Município de Nova Iguaçu, em 05 de janeiro de 1989, e posteriormente encaminhado para despacho aos demais órgãos institucionais responsáveis por esta esfera legal. Após esta empreitada, finalmente em 12 de junho de 1989, sob o Decreto de Lei 5.808 de 13 de julho de 1982, foi concedido aos doze bens considerados Patrimônios Históricos e Culturais de Nova Iguaçu o tombamento provisório. Dentre eles, como se salientou estava a estação ferroviária de Vila de Cava.

Percebe-se hoje que apesar dos esforços do Grupo de Trabalho na década de oitenta, parte do legado histórico dessa comunidade está sendo negligenciado por conta da desvalorização e descaracterização da estação, por isso, recuperar a estação como um “lugar de memória” é fundamental para a construção dos mecanismos de reconhecimento social. O resgate das memórias da estação produz um lugar de sentido em torno da mesma que é compartilhado e alcança até quem desconhece a sua real história e, dessa forma, reinventa uma memória social cotidiana e coletiva.

A estação constitui-se para os moradores do bairro de Vila de Cava, hoje, como um “lugar de memória” que recupera aspectos do vivido em torno de um espaço que é atravessado por diversas temporalidades históricas. Barros destaca que o tempo pode ser apreendido de forma distinta, e, não necessariamente em uma perspectiva linear (BARROS, 2005). Devem-se compreender as narrativas descritivas fora da linearidade, pois isto acaba por limitar a imagem do tempo. Dentro da perspectiva linear o estudioso se torna escravo do “tempo dos acontecimentos”. Para José Costa D’Assunção Barros

*“... uma representação do tempo não é sempre necessariamente linear - mesmo da parte do ‘homem comum’ que não tem por função ou por necessidade meditar sobre as questões da temporalidade, mas que simplesmente vive a sua própria temporalidade cotidianamente, produzindo*

---

<sup>7</sup> É importante destacar que ao longo da construção do processo de tombamento há o acompanhamento de uma equipe técnica do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC) com intuito de assessorar e supervisionar a produção do documento de tombamento.

*diariamente uma determinada maneira de conceber a duração e o transcorrer da sua própria vida...”(BARROS, 2005, p.3)*

Nas palavras do autor, percebe-se que o mesmo nega, a apresentação do tempo ou da própria temporalidade a um consenso linear. Para ele o tempo é uma produção cotidiana, ou seja, natural que transcorre da vida de cada indivíduo. A partir dessas premissas, pode-se relacionar a apresentação e as percepções das narrativas que fizeram e fazem parte do cotidiano dos moradores de Vila de Cava, e como estas trazem a tona os diferentes campos semânticos que existem ao redor da estação.

Busca-se também constatar também como se deu a construção social dos “lugares de memória” vinculados à estação que foram se transformando e se (re)significando ao longo do tempo. A imagem de abandono fruto da ausência do Estado e de órgãos públicos competentes em prol de sua preservação e conservação, expressa a importância da construção social, pela perspectiva da Educação Patrimonial, dos “lugares de memória” que foram se (re)significando ao longo do tempo em torno da pequena estação. A falta de ação do Estado causou danos irreversíveis a estação por conta de obras irregulares, ocupações e degradação de seu prédio. A estação de Vila de Cava, um bem patrimonial tombado e amparado pela Constituição Brasileira de 1988, sob o Artigo 216<sup>8</sup>, seção I DA CULTURA, encontra-se abandonada, apesar da Lei assegurar proteção a bens patrimoniais como à estação e prever a obrigação do poder público junto à comunidade de conservar esse elemento da memória coletiva.

Ao conhecer os fins e as garantias redigidos na Lei, percebe-se que a cunho legal, a estação de Vila de Cava encaixa-se no inciso IV, em que a Lei ainda complementa na alínea 1º, em que a mesma diz: §1º - *O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, e de outras formas de acautelamento e preservação.* Apesar de a Lei ser clara a respeito das regras as quais estão submetidas os órgãos e os meios de se preservar um

---

<sup>8</sup> **Art. 216** *Constituem Patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - formas de expressão; II - Os modos de criar, fazer e viver; III - As criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.*

patrimônio cultural, o que se vê é o descumprimento da Carta Magma, que é nossa Constituição Federal, além do grande descaso e abandono a estação de Vila de Cava.

O que temos a respeito dela então? Ainda a temos. Temos as pessoas que ainda residem em Cava, com seus relatos e histórias. Estórias remontadas por diversas pessoas através de suas próprias estórias. Singularidades, particularidades de cada indivíduo, que trazem consigo as memórias da estação. A sensação de pertencimento a um legado que propicia a diminuição da fronteira entre o passado e o presente, através das suas (re) significações ao longo do tempo aos “lugares de sentido” agregados à velha estação de Vila de Cava.

Vila de Cava é um dos muitos lugares que se encontra na fronteira entre a memória e a história. Estação de prosperidade na Velha Iguassú deixou um legado de pertencimento para muitas gerações. Muitos de seus traços, inclusive suas histórias, ainda estão na memória social coletiva. O que se pretende é recuperar essa historicidade, a partir de importantes relatos, para mostrar o alcance social que a Estação de Vila de Cava tinha para os moradores da localidade nas diferentes temporalidades que permeiam a história da estação.

A memória trás elementos da historicidade e, assim, recupera a História da estação através da Escrita da História sendo o Patrimônio um elemento intermediário entre a memória e a história. O mesmo acaba permitindo que a memória vire história. É importante destacar como salienta Márcia Chuva “...o papel do historiador como produtor de narrativas que também fabricam o patrimônio...” (CHUVA 2012). Assim, a estação como um bem patrimonial físico e presente, remonta na memória dos moradores as suas histórias, e em alguma medida, eles dela também se apropriaram e construíram sua própria estória particular. Escrever a história da Estação de Vila de Cava nos permite converter este patrimônio de memória em história e, em um sentido mais amplo, nos permite recuperar mais um elemento que dá identidade a História de Nova Iguaçu.

## **1.1- HISTORICIDADE:** *Dos mananciais de Piedade do Iguassú a construção de Cava*

O lugarejo humilde e pouco povoado da Freguesia de Piedade do Iguassú com seus moradores locais crédulos a Sua Nossa Senhora, passou a viver outras dinâmicas de vida a partir da chegada da estação e de seus trens a vapor. A lógica do tempo, a prosperidade com o aumento das opções de escolhas, a brincadeira ao som do apito dos trens, as águas dos mananciais que chegaria ao Imperador.

Tudo era novo, tudo era bom! Nas memórias mais profundas que evocam esse período essa é uma percepção recorrente. Período em que o local ermo e esquecido passou a ter importância para capital e para o Império. E das janelas dos trens, os olhos dos moradores de Vila de Cava, avistariam as mais belas paisagens, contrastadas com a modernidade ofertada pela chegada da linha Rio D'Ouro.

Local de gente simples e humilde, a antiga José Bulhões recebeu o nome da sua estação ferroviária no final do século XIX, Vila de Cava do Sapê, assim chamada devido à grande quantidade de capim Sapê na região. Esta pertenceu ao sub-ramal do Rio D'Ouro como uma linha auxiliar que, em seu contexto histórico, atendeu e ainda atende as dinâmicas humanas nas mais diversas perspectivas temporais da sua comunidade.

Sua construção foi iniciada ainda no governo imperial, com o intuito de transportar materiais e operários para a construção de um aqueduto, que seria usado para a captação de água que sairia da região brejeira, rica em lindos e abundantes mananciais, em direção à capital.

A nova Vila de Cava do Sapê, local rico em água, mas também em gente trabalhadora que viu lentamente suas matas desaparecendo, dando lugar a uma grande estrada de ferro que mudaria não só a paisagem daquela freguesia, mas também o pensamento das pessoas da localidade. Assim, a região conhecida como José Bulhões, mais tarde tornou-se Vila de Cava, mesmo nome de sua “estação parada” que servia como ponto de convergência para duas linhas ferroviárias, a da Serra do Tinguá e a do Rio D'Ouro.

Vila de Cava tornou-se distrito da atual Nova Iguaçu, mas antes, a região pertencia a Freguesia de Nossa Senhora da Piedade do Iguassú à margem direita do rio Iguassú. Sua

igreja recebeu o mesmo nome, e foi construída em uma planície nas terras do alferes português José Dias de Araújo, que autorizou sua construção em 1699. Com uma tímida ocupação populacional, a região só prosperou de fato em 1719, sendo elevada a Freguesia com capela curada graças a Garcia Rodrigues Paes, filho de Fernão Dias Paes Leme “o caçador de esmeralda”, que em 1704 começa a abrir o Caminho Novo das minas do ouro favorecendo o crescimento da região (TORRES, 2004).

Apesar de sua pouca participação na economia no período colonial cabe ressaltar que este local foi um dos cenários dos caminhos e descaminhos do ouro no século XVIII. Pouco ainda se sabe desta localidade, ainda não muito povoada, que parece herdar as mazelas da época do Brasil Colônia em que o rei de Portugal controlava as distribuições de terras e o crescimento populacional por conta dos descaminhos de metais preciosos (PINTO, 2007). Por este motivo, a Freguesia de Nossa Senhora da Piedade do Iguassú era uma região tipicamente rural com seus aglomerados humanos espalhados em modestos lugarejos e simples vilas e fazendas.

Entretanto, estudos apontam que a Estrada Real do Comércio inaugurada em 1822, abriu portas para a circulação de outra atividade econômica, a comercialização do café. E apesar de não ter sido produtora, a freguesia transportava, comprava e revendia o produto através de seu fluxo. “...*O caminho do Tinguá foi por algum tempo o de maior movimento o que lhe rendeu a instalação de um restrito da provedoria das primeiras décadas do século XVIII ...*” (PINTO, p.26, 2007). No período de alta do produto, a freguesia e sua população local colheram os frutos da ocasião, o que lhes rendeu um pequeno progresso, apesar de não duradouro devido às mudanças nas dinâmicas econômicas da colônia.

No século XIX, iniciou-se a construção das ferrovias que proporcionavam a redução do tempo para o transporte de produtos agrícolas, garantiam a eficácia do traslado e, por conseguinte, mesmo sem pretensão, o desenvolvimento de algumas freguesias que gozaram de benefícios com a construção das malhas ferroviárias (RODRIGUEZ, 2004). O resultado da construção foi o progresso momentâneo para algumas regiões e a decadência de outras, a exemplo da Estrada Real do Comércio que tinha conexão com o porto do Iguassú com o intuito de escoar a produção agrícola e o ouro em embarcações do Rio de Janeiro, o interior de Minas Gerais e Goiás.

Em um determinado momento a Estrada Real do Comércio e o Porto de Iguassú tiveram sua importância trazendo lucros para a Freguesia de Piedade do Iguassú. Mas com a chegada das ferrovias perde seu valor passando apenas a ser um caminho fantasma no meio da mata e, pouco a pouco, o seu pequeno e singelo vilarejo foi se desfazendo pelas mãos do homem e pelo desgaste do tempo.

A região só volta a ser de grande interesse aos olhos da corte por volta de 1870, quando seus mananciais e sua água abundante são citados pelo engenheiro André Rebouças em um relatório ao governo imperial (TORRES, 2004). Percebendo os numerosos reservatórios de água nesta região, esta passa a ser vista como um lugar para investimento de infra-estrutura que resolveria os problemas de abastecimento de água da capital da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. O projeto mobilizou mão-de-obra escrava, local e estrangeira para a construção de um aqueduto até a região da Freguesia de Nossa Senhora da Piedade do Iguassú. Entretanto, para que as tubulações fossem levadas até a região dos mananciais, houve a necessidade de se construir uma linha auxiliar para transportar os trabalhadores e os materiais para a construção do aqueduto.

Assim, cria-se uma linha auxiliar que recebe o nome o Rio D`ouro<sup>9</sup>, coincidentemente o mesmo nome da estrada de ferro<sup>10</sup> construída ao norte de Portugal na região de vinícolas do Vale do Rio Douro. A primeira com o objetivo inicial de transportar materiais, as tubulações, as locomotivas importadas da Europa e, os operários que trabalhariam na construção do aqueduto, da linha e de suas respectivas estações. A segunda com objetivo de facilitar o escoamento de produtos agrícolas para o comércio mercantil. Vale destacar que apesar da coincidência entre os nomes de ambas as estradas de ferro, a observação feita nesta pesquisa é meramente informativa, pois o que esta em análise é a estação de Vila de Cava.

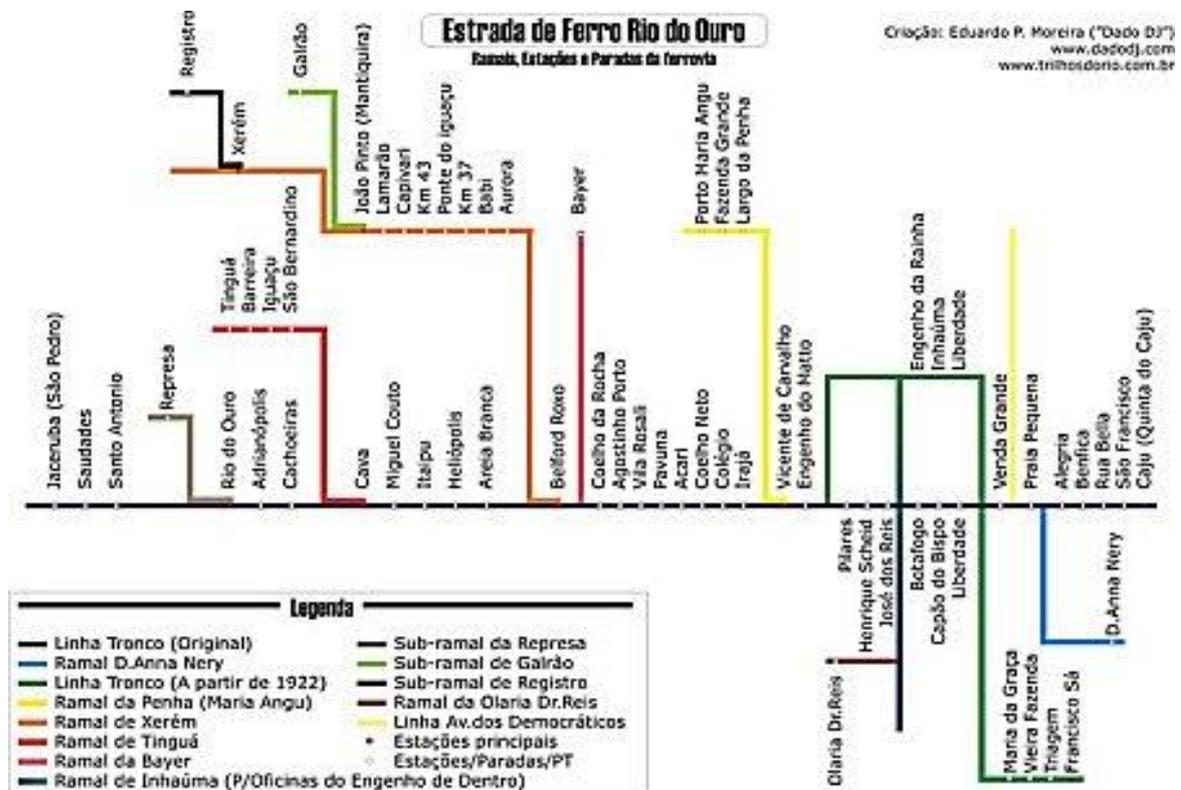
A Estrada de Ferro Rio D`Ouro, tinha como projeto inicial o trajeto começando pelo Caju atravessando a rua Bela, passando por bairros da região do subúrbio como Del Castilho, Benfica, Irajá Engenho da Rainha entre outros sendo o último Pavuna até

---

<sup>9</sup> Trata-se de uma estrada de ferro cuja linha auxiliar foi construída no final do século XIX entre os anos de 1874 a 1883 - Rio D`Ouro no Rio de Janeiro. Cf. RODRIGUEZ, Hélio Suevo. A formação das estradas de ferro no Rio de Janeiro. O regate de sua memória, editora Open Plus Gráfica e Editora, Rio de Janeiro, 2004.

<sup>10</sup> Constituiu-se de uma estrada de ferro construída às margens do Rio D`Ouro cuja nascente se encontra na região da Espanha, possuindo uma bacia hidrográfica de 98.400 km<sup>2</sup> Rio D`Ouro. Fonte: pt.eurail.com/europe.by-train/portugal

chegar a Baixada Fluminense (TORRES, 2004). Antes de chegar à estação do Engenho do Brejo hoje, Belford Roxo, as locomotivas passavam na região da Baixada em terras de Meriti, Vila Rosally e Coelho da Rocha. O sub-ramal seguia o trajeto com mais cinco paradas, Areia Branca, Heliópolis, Itaipu, Retiro atual Miguel Couto, Figueira sendo a principal de José Bulhões hoje, Vila de Cava.



FONTE: <https://www.estacoesferroviarias.com> em 30/07/2016

A linha ferroviária se subdividia em duas através de um entroncamento, uma linha seguia para São Bernardino, Iguassu, Barreira e finalizando em Tinguá e, outra seguia para Cachoeira, Paineira, Rio D'Ouro, Santo Antônio, Saudade e São Pedro ou Estação Final Represa, hoje atual Jaceruba (TORRES, p.126, 2004). Vale ressaltar que nesse período a freguesia da Nossa Senhora da Piedade do Iguassú permanece com a mesma característica de servir as cortes portuguesas. Por sua vez, ainda mantém algumas de suas antigas atividades comerciais mesmo que em menor proporção e, adquire outras após o início das obras e a chegada da Estrada de Ferro.

A estação de Vila de Cava foi inaugurada em 15 de janeiro 1883, final do século XIX, como um sub-ramal ferroviário para a construção do aqueduto de Rio D'Ouro através da concessão do empreiteiro Antônio Gabrielli, que na ocasião, trouxe a corte uma carta de recomendação de seu trabalho em Viena. Na ocasião, a carta trazia como

referência o trabalho do empreiteiro na captação de água para a cidade de Viena e duas cartas de crédito de 50.000 libras cada uma.

Antônio Gabrielli ganhou a concorrência para a captação de água da Serra do Tinguá. Entretanto, MARQUES refuta esta idéia, alegando que o empreiteiro reapresentou um projeto de Visconde de Mauá conhecedor da região, além de ter muita influência de negociantes europeus. O que fez que a mando do governo imperial Antonio Gabrielli tivesse a facilmente concessão, já que as autoridades da capital viram na região de Piedade do Iguaçu a possibilidade de resolver os problemas de estiagem na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. De acordo com Torres:

*“(...) desde 1870, o engenheiro Antônio P. Rebouças visitando essa região, havia indicado os mananciais do Rio D’Ouro e da Serra do Tinguá para o abastecimento da cidade. Em um relatório datado deste ano, aquele notável engenheiro também indicava a necessidade de ser construído um reservatório com cem milhões de litros de capacidade... implantados no centro da cidade ...” (TORRES, p. 125, 2004).*

Partindo dessas afirmações pode-se analisar o quanto a região naquele momento foi valorizada por conta de seus reservatórios de água abundante e seus mananciais. Fazendo com que o governo imperial realizasse uma obra de grande infra-estrutura que mobilizaria parte da corte, alguns latifundiários e seus latifúndios, trabalhadores da colônia portuguesa e estrangeiros (TORRES, 2004).

Neste trajeto está a estação de Vila de Cava, construída para ser uma “estação parada” de abastecimento de água para os trens. Na estação, a linha se subdividia em dois ramais através de um entroncamento, a Vila de Cava e Tinguá e, geralmente era necessário que os maquinistas parassem para abastecer as locomotivas de água já que eram a vapor.

No final do século XIX, o ramal passou a transportar passageiros tendo um modesto fluxo de pessoas após a estação Pavuna e foi percebida uma visível prosperidade aos arredores das estações, cujas linhas anteciam a região da Baixada Fluminense e ao ramal do Engenho do Brejo atual, Belford Roxo.

Em 1923, a Viação de Obras Públicas visando angariar lucros transferiu a linha Rio D’Ouro do Caju para Francisco de Sá aumentando o fluxo de passageiros em locomotivas ainda a óleo e vapor. A maioria dos passageiros eram oriundos das estações

que antecediam a estação de Belford Roxo e, nas estações que a sucederam, manteve-se por algum tempo, a prática da carona nos trens à vapor. Na estação de Vila de Cava houve um curto período de experimentação de uma possível bilheteria, as quais os passageiros pagavam para embarcar nos trens.

No ano de 1928, iniciou-se o processo de desligamento da Rio D'Ouro, mas foi o Decreto 19.544 de 29 de agosto de 1930 que desativou definitivamente a Estrada de Ferro Rio D'Ouro do quadro da Inspetoria de Água e Esgoto. A linha passa, então, a ser administrada pela Estrada de Ferro Central do Brasil e, é somente em 1964 que a estação perde sua funcionalidade. Em 1966, através do Decreto nº 58.992, o sub-ramal trecho Tingua - Vila de Cava, foi definitivamente suspenso ( RODRIGUEZ, 2004).

Foi, assim, que a estação de Vila de Cava integrou o cotidiano da população da Baixada Fluminense, encontrando-se, hoje, difusa nas memórias dos moradores iguassuanos. Sua arquitetura modesta, assim como a população que cresceu ao seu redor, ambas nas margens fluídas do esquecimento carrega um legado de memória e história ainda presentes no espaço social coletivo. A historicidade de Vila de Cava não está presente somente nos aspectos materiais acima descritos, mas também em um conjunto de memórias que se faz necessário resgatar.

### 1.2- **VILA DE CAVA:** *as (re) significações e apropriações vinculadas a Estação e a memória coletiva*

A estação de Vila de Cava agregou ao longo de sua existência, diversos sentidos em virtude das muitas apropriações que foram feitas em torno dela em diferentes períodos. Múltiplas foram as (re)significações em torno desse espaço, que produziram diferentes funções e significados para atender as perspectivas e as necessidades primeiramente do Estado, no Antigo Regime Imperial<sup>11</sup> e, posteriormente, da comunidade de Cava em um determinado momento.

---

<sup>11</sup> Cf. CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem: a elite política imperial; Teatro das Sombras: A política imperial*. 2ª edição, Rio de Janeiro, 1996.

Primeiro como a estação propriamente dita, sendo construída por volta de 1883 pelo governo imperial, já mencionado nesta pesquisa, posteriormente como dormitório de funcionários da estação, depois como prédio administrativo da Companhia Estadual de Água e Esgoto (CEDAE) nos anos finais da década de setenta, como revela o documento produzido pelo Grupo de Trabalho para a Preservação do Patrimônio Natural e Cultural.



FONTE: INEPAC em 20/05/ 2016 - Folha de nº 44 do processo de tombamento E-12000117/89

Relatos também apontam que a estação funcionava com embarque e desembarque de passageiros pagantes. Estes viajavam nas locomotivas até a estação de Belford Roxo. Observa-se através das entrevistas que concomitantemente ao tráfego de pessoas e de locomotivas, a estação funcionava como escola MOBREAL no final da década de sessenta. Muitos estudantes eram moradores não só de Vila de Cava, mas de

bairros do entorno, a maioria trabalhadores, que desembarcavam na estação e viam na escola MOBRAL que nela funcionava, uma oportunidade para o futuro. Esses movimentos fizeram da estação não somente local de tráfego ou estudos, mas também ponto de encontro de amigos, familiares ou simplesmente um local de entretenimento, cujos moradores utilizavam para passar o tempo.

No final da década de sessenta, a estação de Vila de Cava serviu de cenário para a gravação de uma novela<sup>12</sup> ainda em preto e branco, cujos personagens eram de “época” e atores famosos como Sergio Cardoso, Paulo Goulart e Ruth de Souza que faziam parte do elenco passaram a circular nesta região de Nova Iguaçu. Atualmente, a estação atende as necessidades de vários grupos e famílias, funcionando como moradia e com diferentes atividades comerciais que servem como fonte de renda para os que residem nos prédios e nos espaços que constituem a estação.

Essas (re)significações constituídas no prédio da estação proporcionaram múltiplas memórias locais, sobre as quais este estudo pretende se debruçar para buscar elementos importantes da identidade local da Baixada Fluminense, e do próprio contexto histórico que permeou a prosperidade de Vila de Cava. A linha auxiliar Rio D’Ouro e a estação deixaram um legado que se pretende resgatar através do uso da História Oral, como fonte histórica:

*“... A fonte histórica é aquilo que coloca o historiador diretamente em contato com o seu problema. Ela é precisamente o material através do qual o historiador examina ou analisa uma sociedade humana no tempo... ela é o meio de acesso àqueles fatos históricos que o historiador deverá reconstruir e interpretar...” (BARROS, p.134, 2010)*

De acordo com a afirmativa anterior, a História Oral dá oportunidade ao pesquisador de estar diretamente ligado com suas fontes, e delas deverão partir as interpretações para se construir uma narrativa histórica do tema analisado. Sendo a História oral como afirma ALBERT “... método privilegiado de investigação...”

Ambos os autores apostam que a História Oral é um meio investigativo pelo qual o pesquisador deve se debruçar, entretanto nada impede que o mesmo possa buscar outras fontes de pesquisa, como por exemplo, documentos escritos, seja em busca da

---

<sup>12</sup> Novela “ A cabana do Pai Tomás , exibida na Rede Globo entre julho de 1969 à fevereiro de 1970, foi baseada no romance Uncle Tom`s Cabion. Autores Hedy Maia, Glória Mágadan e Walther Negrão. [www.globotv.globo.com/memoria](http://www.globotv.globo.com/memoria) em 01 - 08 – 2015

constatação dos relatos obtidos durante as entrevistas, sejam por novos rumos tomados pela pesquisa, durante seu processo de construção e análise. Particularmente no que diz respeito à memória social coletiva que gira em torno da estação de Vila de Cava, pode-se constatar que esta abarca estes dois sentidos, devendo a pesquisa debruçar-se em análises que utilizem ambas as metodologias já que segundo NORA (1993) “... *A necessidade da memória é uma necessidade da História...*” (p.14), concordando com LE GOFF (1994) quando o mesmo diz:

*“... Assim a História começou como um relato, a narração daquele que pode dizer “Eu vi, senti”. Este aspecto da História –relato, da História – testemunho, jamais deixou de estar presente no desenvolvimento da ciência histórica...”(p.5)*

Em contrapartida, o autor afirma também que a “*a passagem da memória oral à memória escrita é certamente difícil de compreender*” (p.437). Percebe-se através desta afirmativa, que esta, obriga o pesquisador a se debruçar com certa cautela na utilização das metodologias utilizadas e na análise das fontes orais, principalmente no momento de transformá-las em memórias escritas.

Assim, a pesquisa dedica-se a estação de Vila de Cava que ainda continua de pé, mas em péssimo estado de conservação e sem nenhum cuidado do poder público para a preservação desse patrimônio, que por si só, resgata e insere a História da Baixada Fluminense no contexto histórico da própria História do Brasil.

Deve-se reconhecer que o Estado interveio nas (re)significações da estação de acordo com seus interesses e com as necessidades da população, servindo primeiramente como a estação parada que ajudou de certa forma a sanar os problemas ocorridos na capital no Antigo Regime, como rota para o escoamento de produtos agrícolas e minério, com a experimentação de bilheteria para diminuir acidentes por conta de passageiros a carona em locomotivas, como sede da CEDAE ou como escola MOBREAL no final da década de sessenta.

Pode-se levar em conta que todas essas (re)significações aconteceram através da intervenção do Estado com o intuito de não só atender a população de Cava e de seu entorno, mas também por conta do interesse deste na região. Já que em um determinado período, já citado em capítulos anteriores, o poder do Estado atuou na região da antiga Iguassú por meros interesses lucrativos.

Entretanto, é lamentável afirmar hoje, que para muitos, tão pouco ou nada dessa região e suas memórias são valorizadas. Que não é somente de um bairro ou comunidade, mas de uma população, que hoje passa pelas ruínas da estação e mesclam a sensação de não reconhecer a história através das antigas memórias, contrastando com progresso e o desprezo que giram em torno da estação.

A estação e seus moradores vivenciam a dicotomia entre o legado histórico de um patrimônio e a problemática da propriedade privada, disputando espaço entre o passado, a memória, a história e seu cotidiano mediado pela busca da sobrevivência. Há muita ambigüidade em torno da estação de Vila de Cava, pois, ali se manifesta o embate entre o progresso e preservação patrimonial presentes, em alguma medida, nas vozes dissonantes dos moradores dessa região, tomando como base as observações do autor em que o mesmo afirma:

*“Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva” (LE GOFF, p. 426, 1994).*

O que tangencia todas estas disputas são justamente os conflitos entre o patrimônio em si e os elementos que o constituem na contemporaneidade. A falta de preservação, o estado de degradação e a ocupação irregular fazem com que a estação viva a dicotomia de valores agregados a ela. Alguns apostando na defesa de um patrimônio cultural que faz verdadeiramente parte da história da formação da população e do bairro de Vila de Cava, e outros, enxergam nela apenas uma paisagem esquecida, fora do contexto do que se espera das arquiteturas mais atuais e contemporâneas.

Os elementos acima referenciados integram os diferentes lugares de sentido que a narrativa dos moradores de Vila de Cava apresenta, e permitem uma compreensão mais adequada dos sentimentos dos moradores da localidade da estação bem como nos aproximam das diversas percepções que se formaram sobre a mesma estação. Percepções que uma vez resgatadas e difundidas, especialmente, pela dimensão da Educação Patrimonial, agregam novos valores a pequena estação e nos permitem recuperá-la para além de sua dimensão material.

## **CAPÍTULO II - LUGARZINHO DE NADA:** *memória é “sentido” em relatos orais*

Este capítulo dedica-se a análise de relatos orais dos moradores da região de Vila de Cava com o intuito de recuperar as memórias locais ainda presentes no cotidiano dos antigos moradores, resgatando elementos que valorizam a estação, sua história e o que a consagram como objeto de rememoração e patrimonialização, através dos sentidos e (re)significações agregados a mesma.

Assim, pretende-se neste capítulo observar elementos importantes da identidade da Baixada Fluminense, dedicando-se a coletar dados das memórias locais que se constituíram em torno da estação de Vila de Cava, desde o período de expressiva prosperidade da estação até a contemporaneidade.

A estação deixou um legado em memórias e lembranças que somente a história oral poderá resgatar. José D’Assunção Barros (2010) destaca a História Oral como uma subdivisão historiográfica, “*refere-se a um tipo de fonte com a qual o historiador trabalha, a saber, os testemunhos orais...*” (BARROS, 2010, p.132) Assim, segundo o autor, a História oral permite ao historiador perpassar pelo campo político e cultural produzindo os materiais necessários para o campo investigativo a partir da reflexão de depoimentos e dos dados coletados. Esses materiais levarão o historiador à análise dos métodos necessários para a sua pesquisa (BARROS, 2010, p.132). Entende-se que tais relatos trazem à tona a dimensão intangível que permeia e também integra a estação fazendo da mesma, hoje, um patrimônio cultural. Pela perspectiva da História Oral e, a partir da análise desses muitos relatos que nos aproximam do universo deste patrimônio, para compreender o que o faz um elemento de coesão social.

### **2.1 – PATRIMÔNIO É MEMÓRIA:** *dimensão material ou simbólica*

A estação de Vila de Cava não pode ser apenas entendida como um patrimônio material, já que para além do prédio de “pedra e cal”, há múltiplas memórias que desde a fundação da estação, mantém a mesma viva. Percebe-se nela um valor histórico construído pela própria perspectiva historiográfica que a inscreve na História do Brasil. A estação de Vila de Cava participa das dinâmicas que fazem parte da complexidade de

um patrimônio cultural, que dispõe de um conjunto de comportamentos, símbolos, histórias e práticas sociais.

Patrimônio cultural é um conjunto de bens materiais ou imateriais, que contam a história de uma sociedade, sendo um legado que herdamos para serem transmitidos para as gerações futuras (FONCECA, 2005, p.38). Hoje, portanto, o sentido de patrimônio é muito amplo, pois se constitui no interior do mundo globalizado, em que o local e o global se fundem, possibilitando a inserção social e novos elementos das singularidades regionais.

No Brasil, movimentos considerados de vanguarda e modernistas, envolvendo personalidades como Mario de Andrade<sup>13</sup>, Rodrigo Melo Franco<sup>14</sup> de Andrade e Alísio Magalhães<sup>15</sup>, no início da década de 30, apresentam propostas para se pensar o patrimônio na formação de Estado Nação. A intenção era mostrar a relação do país nas múltiplas memórias coletivas unidas a uma memória nacional, em contrapartida, essas assumiriam o caráter de projeto nacional de nação coesa, que se reconhece através das suas diversidades culturais e de seus patrimônios históricos. Pensa-se no patrimônio inicialmente a partir de sua relação com o próprio Estado Nação brasileiro, que busca nesse período, construir uma identidade nacional.

Em termos jurídicos e constitucionais, a noção de patrimônio histórico, artístico e nacional, inicialmente foi pensada a partir campo da arte e da arquitetura por volta de 1934, sendo de responsabilidade do poder público, União e Estados, a preservação e manutenção de monumentos de valor históricos e artístico como a proteção de belezas naturais.

É importante destacar que é somente a partir de 30 de novembro de 1937, com o decreto de Lei de nº 25, que se passa a regulamentar os bens considerados culturais, vinculando à noção de patrimônio e cultura, atribuíam um valor aos mesmos, sendo eles móveis ou imóveis. Esses bens, de forma geral, são pensados nos interesses coletivos da sociedade, e quase sempre ligados à História do Brasil. Assim, por prerrogativas institucionais, cabia ao poder público exercer a tutela e proteção dos bens de valor

---

<sup>13</sup> Mario de Andrade foi escritor, historiador de arte, crítico, folclorista, poeta, fundador do Departamento Cultural de São Paulo.

<sup>14</sup> Rodrigo Melo Franco de Andrade era advogado, jornalista, intelectual, escritor, integrou o Ministério da Educação e Responsável pelo SPHAN, atual IPHAN no governo Getúlio Vargas.

<sup>15</sup> Aluisio Sergio Barbosa Magalhães dedicou-se ao designer foi artista plástico, advogado, ex Ministro da Educação e ex diretor do SPHAN no governo Getúlio Vargas.

cultural cujos indicativos remetiam a origem de nossa identidade nacional, sendo eles públicos ou privados. (FONCECA, 2005, p.39)

Essencialmente, a partir dos anos 2000, o conceito de patrimônio ganha outra esfera e passa a ser ligado ao conceito de cultura, pelo seu caráter amplo de abarcar a arte, as crenças, os costumes e a própria dinâmica do homem nas sociedades. Esvazia-se a ideia tradicional de patrimônio material no âmbito da arte e arquitetura, e se valoriza o conceito sob o ponto de vista imaterial e intangível através das múltiplas culturas existentes no país.

Estudos apontam que paulatinamente a noção de patrimônio passou a ser pensada de forma ampliada, e entendida por meios de variadas vertentes, devido à própria abordagem e propriedade antropológica de cultura. Vale ressaltar que esses “bens culturais”, se consolidam por meios sociais, jurídicos e estatais. Os mesmos possuem um sentido histórico e social multifacetado e abrangem simultaneamente uma perspectiva material e intangível, que devem ser fomentadas e compreendidas como complementares numa visão multidisciplinar.

Sua complexidade é notória, e deve ser percebida em um grande campo semântico, pois o mesmo lida com diversas dimensões que podem ser sociais, ambientais, artísticos, arquitetônicos, institucionais, históricas, e certamente, dependendo do bem a ser estudado, outras dimensões poderiam ser exemplificados, pela sua abrangência e inúmeras possibilidades de abordagem. Pensar em patrimônio cultural é também pensar na perspectiva política, em seus atores, seus interesses e nos movimentos que giram em torno dele, essencialmente, no que diz respeito às relações sociais, identitárias e culturais.

Ao se observar a estação de Vila de Cava, apesar de visivelmente ser um patrimônio material, as histórias que a mesma abarca, fazem com que ela seja percebida para além da “pedra e do cal” pelos grupos humanos de sua localidade. As memórias atribuídas à estação agregam as singularidades da vivência de diversos moradores da região, inicialmente não inferidas e referenciadas na elaboração de seu processo de tombamento. Observa-se, no entanto, um olhar mais voltado para a esfera da arte e arquitetura clássica em diálogo com a perspectiva patrimonial da década de trinta aos monumentos históricos tombados.

Como já se destacou o processo de tombamento da estação de Vila de Cava é de grande importância para a compreensão do próprio contexto de produção desse documento, e o olhar do grupo que o elaborou. Através dele, abre-se a possibilidade de

uma nova lente sobre a perspectiva da dimensão imaterial não abordada em sua produção. Essa dicotomia deve-se ao fato de que se por um lado, a Constituição de 1988 já mencionava a participação da sociedade na construção e preservação do patrimônio. No entanto, percebe-se a falta desse argumento no processo. De outro, só se começa a pensar sobre patrimônio imaterial ou intangível a partir dos anos 2000, onze anos depois da produção do documento.

Porém, os relatos orais a seguir, trazem um novo sentido à estação, pois os mesmos resgatam a sua memória e suas histórias, demonstrando como estas vão além de um monumento de “pedra e cal”, e como as dinâmicas humanas revelam os “lugares de sentido” que fazem com que este patrimônio, atue na fronteira entre o material e intangível e o início de seu na localidade . A estação de Vila de Cava na atualidade um elemento identitário da Baixada Fluminense. Muitos são os atores que a cercam e que fazem parte, em alguma medida, do seu processo histórico e de suas dinâmicas.

A partir dessas premissas, parti-se para a compreensão da estação de Vila de Cava como patrimônio cultural, essencialmente a partir de suas vivências e suas memórias. A seguir serão apresentados trechos de relatos de moradores. É interessante destacar para compreender a importância e o alcance dessas narrativas a reflexão de Pierre Nora sobre memória, em que o mesmo afirma: “... *O deve de memória faz de cada um historiador de si mesmo...*” (NORA, 1993, p.11). Dessa forma há a possibilidade de perceber os diferentes significados que se formaram acerca da estação e, ainda perceber como a comunidade de Cava os compreende. Além disso, o uso da noção de patrimônio cultural permite a possibilidade da análise desses “lugares de sentido” que fazem da estação hoje um lugar de memória.

## 2.2 – “VIVÊNCIA É MEMÓRIA”: *lembranças da estação de Vila de Cava*

Morador de Vila de Cava há mais de sessenta anos, Seu Orlando filho de Dona Arlete nascido e criado na localidade assim como sua mãe, conta com saudade o período de sua infância quando o mesmo colocava cacos de vidro na linha do trem esperando que o mesmo passasse para moer os vidros que misturaria com cola para fabricar seu próprio cerol e empinar suas pipas. Esses são apenas um dos muitos ecos, expoentes de memórias afetivas de Cava que atravessaram o tempo e construíram lugares expressivos de sentido no imaginário social coletivo. O depoimento de Seu

Orlando, marcado por profunda nostalgia, revela a simplicidade dos meninos iguaçuanos. E “... a gente ficava esperando o trem passar. Ficava tudo moidinho. Aí a gente fazia o cerol e empinava nossas pipas. Nem tinha esse monte de casa ali não...”.

Aos risos e ao lado de sua mãe contava suas traquinagens de infância e o quanto à estação e o trem ajudaram a região a ter um pequeno progresso e, de como era animada a localidade na época da circulação de trens a vapor. Seu Orlando relembra o período de sua infância, e também o de sua adolescência quando já embarcava nas locomotivas em direção ao centro do Rio de Janeiro e demonstra ser conhecedor da própria história da fundação estação e de seus fins.

*“... Ah! na época do trem isso aqui era cheio, muito animado. Quando o trem chegava apitando a criançada gritava... A novela A Cabana do pai Tomás, era novela mesmo foi toda filmada aqui, na estação daqui e de Iguazu Velho. Vila de Cava virou uma festa né, tinha os trens, enfeitavam os trens todos, botavam bandeirinha. Fora disso o escoamento né, esse trem na realidade foi colocado essas linha férria aqui, pra trazer os tubos de água pra puxar água de Rio D’Ouro e Jaceruba pra levar água lá pra baixo... Depois que terminou de construir a adutora aí serviu pra passageiro e carga... Aí depois desativaram tudo...”<sup>16</sup>*

Em seu depoimento, Seu Orlando demonstrou ser conhecedor dos fins que levaram a construção da estação e o que a mesma representou para ele, para sua família e a para população de Vila de Cava no período em que a mesma estava em funcionamento. Porém, pouco falou sobre o que levou a desativação da estação, lembrando apenas em o que ela representou positivamente quando estava em funcionamento. Sua tentativa demonstra o desejo de apenas rememorar aquilo que trás a memória boas lembranças. Seu Orlando produz “em particular” um novo espaço de sentido sobre a estação. Experiência de quem vivenciou diversos momentos que estarão registrados somente na memória daqueles que fizeram parte deste contexto.

E a estação e sua locomotiva a vapor, através do depoimento de Seu Orlando mostram claramente que as mesmas fizeram parte do legado histórico deste senhor de maneira tão positiva, que sua memória abarca somente aquilo que lhe traz a sensação de prazer, saudade e alegria, sendo oculto em seu relato, qualquer abordagem negativa,

---

<sup>16</sup> Esta entrevista foi concedida por Orlando Lopes Portela a pesquisa em 30 de julho de 2016, em Nova Iguaçu.

ausente também informações sobre o porquê da desativação da estação. O que segundo Elis Angelo (2016) pode se tratar de “... *A memória, em seu amplo sentido requer o pensar nas lembranças que ora tiveram valor em destaque para as pessoas, espaços, lugares e história...*” (ANGELO, 2016,p.7) Assim, o recordar traz somente as boas lembranças que marcaram a infância de Seu Orlando, o que representou um “certo valor” um “certo sentido” em sua história de vida.

No mesmo endereço vive a Dona Arlete mãe de Seu Orlando. Senhora de mais de oitenta anos, filha do único farmacêutico da região na época, nasceu, cresceu, estudou, casou-se e criou os filhos na região de Vila de Cava bem próxima a estação. Ela falou com certo saudosismo sobre a estação na época que seu pai era o farmacêutico da região e, contou como as pessoas viajavam a carona de Rio D’Ouro e São Pedro até as estação de Vila de Cava para conversar e se “consultar” com seu pai.

*“...Meu pai tinha farmácia. Aí vinha gente de Rio D’Ouro e São Pedro tudo para o meu pai atender... ele era um excelente farmacêutico... meu pai fazia os remédios, manipulava tudo depressa, aí quando o trenzinho vinha apitando já sabia que tinha freguês ali na farmácia esperando aí vinha “divagarinho” meu pai fazia sinal pros fregueses embarcar...”<sup>17</sup>*

Dona Arlete relembra com bastante entusiasmo da época de sua adolescência em que esteve perto de seu grande ídolo Sergio Cardoso no final da década de sessenta quando a estação de Vila de Cava serviu de cenário para a novela “*A cabana do Pai Tomás*”. Conta “...*vinha parando nas estações, o trem vinha apitando lá na esquina, lá na curvinha aí saltava o pessoal todo... teve até uma novela que foi feita aqui passou até na televisão Vila de Cava era muito bonito! O artista principal era Sergio Cardoso...*”

Sorrindo elevando os olhos para o alto, Dona Arlete expressou em seu relato alegria e certo tom na voz, como se estivesse lembrando de sua adolescência. A reação da senhora pode nos levar a reflexão sobre os estudos de Elis Angelo (2016) quando a mesma afirma que: “... *a produção do homem no seu tempo, acaba representando instituições e mentalidades que as pessoas desejam visitar ou se deslocar para um “reviver” do passado, tangenciadas pelo sentimento de viagem ao tempo...*”

---

<sup>17</sup> Esta entrevista foi concedida por Arlete Pereira Lopes Portela a pesquisa em 30 de julho de 2016, em Nova Iguaçu.

Percebe-se através desta afirmativa que tanto Dona Arlete como seu filho Orlando relembram apenas as boas histórias e sensações ligadas à estação. Trata-se de elementos que se inscreveram pela perspectiva da memória afetiva em lembranças significativas.

Envolvidos e perdidos nas suas próprias memórias como revela o riso gostoso que ainda manifesta ao lado de sua mãe, em que ambos, mãe e filho, expressam em suas narrativas a sensação de pertencimento e nostalgia. Duas gerações e duas histórias com interseções em um mesmo lugar, porém com significados singulares. Memórias que se cruzam, memórias que se sobrepõem, constituídas em um mesmo espaço, entretanto, em temporalidades diferentes.

Seus espaços e suas memórias agregam fundam acontecimentos positivos que fizeram parte da vida de ambos e, inscrevem dessa forma a estação como um “lugar de memória”. Estes estabelecem significados a ponto de produzir sentidos, os quais, as histórias de Arlete e Orlando estão ligadas a localidade de Vila de Cava e a sua antiga estação, pois mesmo sendo individuais essas memórias afetivas e profundas ganham dimensão coletiva pela própria perspectiva de rememorar.

Senhora de quase oitenta anos e da mesma geração de Dona Arlete, Maria da Penha, que atende pelo nome de Dona Piedade, mora na localidade de Vila de Cava e acompanhou a prosperidade da estação, tendo memórias ainda muito nítidas destes velhos tempos.<sup>18</sup> Nascida em Macuco, Niterói veio para Baixada Fluminense com seus pais ainda menina e mais três irmãos, sendo estes os únicos sobreviventes de uma família em que os pais tiveram quinze filhos. Morava no entorno da cidade de Nova Iguaçu e cresceu nos arredores do Bairro da Posse e entre o trem de Japeri, no qual começou a embarcar cedo, segundo ela mesma, desde os nove anos, rumo à estação Dom Pedro II.

Dona Piedade conta dos tempos difíceis e como qualquer trabalhador exalta Getúlio Vargas, no entanto, reclama das difíceis condições dos trens na época. Sem se dar conta das responsabilidades que o governo deixava de cumprir com a própria manutenção do sub-ramal que acabou instinto, no final da década de 1960. Mesmo

---

<sup>18</sup> Outros moradores apesar de também contribuírem para o enriquecimento dos estudos aqui apresentados, estes tiveram certo receio para fornecer a autorização, por isso, serão apresentados como Sr. M, Sr<sup>a</sup>. N, Sr<sup>a</sup> X, adolescente Z e menino Y.

assim, Dona Piedade lembra com gosto das idas e vindas à casa de seu irmão mais velho que morava em José Bulhões, e de como era divertido pegar carona no trem do ramal Rio D'Ouro a caminho de Jaceruba, para saltar dele em movimento em frente à Rua Violeta.

*“... (pausa) naquele tempo não tinha filho, não tinha nada. Eu era cheia de coragem, cabeça mole... (risos)... soltava do trem nas carreiras... (risos)... a gente pensava que tava devagar, mas era depressa - (pausa) - aí soltava tinha que dá uma carreira... tbei, tbei, tbei... muitas vezes não se segurava dava um tropeço e caía... (gargalhada)”<sup>19</sup>*

Dona Maria da Penha assim como outros moradores da região, utilizava essa prática que apesar de perigosa, traduz as lembranças de uma época difícil, mas agradável em que a população de Vila de Cava, mesmo por pequenas ações cotidianas como essas se reconheciam como parte do seu lugar. Práticas que ainda sobrevivem na memória de muitos moradores da localidade de Cava e nos bairros do entorno, pois o valor atribuído a memória do indivíduo independe de classe ou sociedade e, sim, dos conceitos atribuídos a cada uma dessas histórias e lembranças. Como destaca Angelo e Costa:

*“...A memória se constrói pelo valor, mas antes de tudo pela atribuição de valor que os olhares julgadores formam sobre as diversas sociedades. É preciso vincular a memória à história para que os indivíduos e classes a rever seus próprios conceitos de si para o mundo...” (ANGELO E COSTA, 2016, p.306)*

A Sr<sup>a</sup> N. da mesma época e geração de Seu Orlando e Dona Piedade é também mais uma moradora de Vila de Cava e vive na área do entroncamento da antiga estação. Declarou-se uma das filhas de um antigo funcionário da estação. A senhora relatou de forma muito breve e desconfiada o tempo em que chegou ao prédio da estação e o que lá encontrou.

*“... Iiiii! Já moro aqui há 32 anos. Olha, quando cheguei aqui era tudo sujo, abandonado. Tinha até “mucego”! (risos)... E mesmo funcionando a estação já havia gente morando lá na outra parte. Eles dizem que são parentes do moço que trabalhava na estação. E não sei de mais nada...”<sup>20</sup>*

---

<sup>19</sup> Esta entrevista foi concedida por Maria da Penha a pesquisa em setembro de 2015, em Nova Iguaçu.

<sup>20</sup> Esta entrevista foi concedida pela Sr<sup>a</sup> N a pesquisa em setembro de 2015, em Nova Iguaçu.

A Sr<sup>a</sup> N pouco respondeu ao que lhe foi perguntado. Vale ressaltar que a mesma se diz proprietária de aproximadamente 600m<sup>2</sup> em uma moradia construída irregularmente na área da estação de Vila de Cava. Apesar da desconfiança, falou com certa nostalgia do tempo em que as locomotivas eram abastecidas de água quando estas paravam na estação, mostrando um anexo próximo a bilheteria onde, segundo ela funcionava a “escola” MOBRAL<sup>21</sup>. E mesmo com sua breve fala, esta contribuiu o suficiente para se compreender o sentimento que marcam os moradores que ali vivem.

O Sr. M. assim como a Sr<sup>a</sup> N também é morador da estação, nascido e criado no bairro desde 1959 e contribuiu espontaneamente com sua breve, mas alegre fala. Lembrou dos passeios para a estação São Pedro (Jaceruba), em que pegava carona com seus amigos, dos trabalhadores da antiga fábrica de pólvora, próximo a estação, hoje desativada. Contou ainda que estes utilizavam o trem para chegar ao trabalho. Mostrou onde passavam os trilhos dos trens a caminho de Tinguá e Rio D’Ouro, descrevendo o tempo da escola MOBRAL no prédio da estação, e de como a população circulava por ali, demonstrando saudosismo em seu depoimento ao dizer:

*“... Óh! Aqui funcionou uma estação. Que antes se chamava José Bulhões e hoje é Vila de Cava, mas fechou antes da Copa de 70. Aqui nessa rua aqui oh, a Estrada de Ferro é que passava os trilhos pra Tinguá e lá dentro de noite era escola do MOBRAL...”<sup>22</sup>*

A fala do Sr. M e da Sr<sup>a</sup> N nos leva a reflexão de como o individuo valoriza o patrimônio de sua região pois “... A valorização depende de cada individuo e do respeito pela sua história e uso diz respeito de “como lidar” com esses bens e sua importância social...” (ANGELO E COSTA, 2016, p.307). Este viés apresenta-se narrativas como essas encontram-se na fronteira entre História, a memória, os significados e as singularidades de cada uma dessas histórias aqui apresentadas, permeados por disputas e diálogos.

No que diz respeito aos dois últimos protagonistas, Sr. M e da Sr<sup>a</sup> N, percebe-se que há a consciência da importância da historicidade da estação e do valor histórico da

---

<sup>21</sup> O sistema MOBRAL: Movimento Brasileiro de Alfabetização, foi um programa implementado pelo Governo Federal no contexto do Governo Militar. Este, propunha, a alfabetização funcional de jovens e adultos com o objetivo de erradicar o analfabetismo em dez anos.

<sup>22</sup> Esta entrevista foi concedida por Sr. M a pesquisa em setembro de julho de 2015, em Nova Iguaçu.

estação. No entanto, indagações permeiam os relatos dos mesmos. Em que medida o pertencimento como moradores daquele espaço levaram a Sr<sup>a</sup> N e o Sr. M ao valor da historicidade do passado de Vila de Cava? Será que as circunstâncias obrigaram esses moradores a repensarem o próprio sentido de noção de patrimônio e pertencimento?

As indagações feitas anteriormente nos levam as reflexões de Márcia Chuva<sup>23</sup> quando a autora afirma: “...práticas de preservação e as dificuldades daí advindas para a proposição de uma nova perspectiva de tratamento do patrimônio cultural...” Faz-se necessário para o tema em questão projetos com políticas públicas e jurídicas, que possam oferecer medidas para a preservação do patrimônio, respeitando as singularidades aqui apresentadas.

Após os relatos de moradores locais, os quais possuem a memória viva e a experiência de um passado em contato direto com as locomotivas e com a estação de trem em funcionamento, Dona Lidia senhora na faixa dos seus cinquenta anos, também moradora de Vila de Cava e diferente dos outros moradores anteriormente entrevistados. Esta residia na casa da estação Rio D`Ouro até a década de setenta ainda por volta de seus sete anos de idade.

A ex-moradora da estação relata que seu pai, cujo nome atendia por Senhor Manoel Verli era funcionário da Rede Ferroviária Federal e trabalhava na manutenção dos trens de carga que, obrigatoriamente paravam na estação Rio D`Ouro. Saudosa também lembrou algumas de suas memórias sobre a estação: “... a casa da estação era legal! Nossa varanda era a plataforma, era a plataforma mesmo da estação... então as pessoas paravam lá quando tinha festividade, até usava a plataforma “praquele” pessoal de Folia de Reis dançar...””, relatou a senhora.

Provavelmente as festas citadas por Dona Lidia são as Festas do Milho e da Banana que ocorrem no bairro de Jaceruba. Elis Angelo (2016) aborda em seus estudos, que estas festividades são iniciativas criadas para atender as demandas da população desta região, além de fortalecer os laços de pertencimento e sociabilidade através de uma identidade local.

Dona Lídia prossegue seu relato afirmando que ao ir morar em Vila de Cava próximo a praça do centro, não se lembrava dos trens e nem da estação em

---

<sup>23</sup> Cf. CHUVA, Márcia, *Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil*, In Revista do Patrimônio Histórico Nacional, nº 34, Brasília-DF, 2012

funcionamento. Vale ressaltar que segundo RODRIGUEZ (2004) parte da linha Rio D'Ouro foi desativada em 1964 e a estação perde sua funcionalidade, em 1966, através do Decreto nº 58.992 em que, o sub-ramal Tinguá e Vila de Cava foi definitivamente extinto. Assim por certo, Dona Lídia não poderia se recordar da passagem das locomotivas. Então, diferente dos relatos anteriores, a relação de Dona Lidia com a estação toma outro sentido e outro significado. Trata-se de lugares de memórias<sup>24</sup> através de outras memórias locais, a memória dos mais antigos moradores da região presente na memória dos moradores mais recentes, “a memória da memória.”

Neste sentido o relato de Dona Lidia descreve a memória dos mais velhos de seu lugar, em especial a Sr<sup>a</sup> X que segundo Dona Lídia era a proprietária da extinta padaria “a padaria do meio”. Segundo ela a Sr<sup>a</sup> X contava suas memórias a respeito da estação e sobre o tempo que o elenco da novela *A cabana do Pai Tomás* tomava café, lanchava em sua padaria e usava sua casa para trocar de roupas. Dizendo:

*“...tinha pra doze pra treze anos aí eu fui trabalhar numa padaria. A gente chamava de padaria do meio porque tinha três padarias e essa ficava no meio... eu ia mais pra ajudar a dona né, ela contava né, essa senhora contava que teve gravações de uma novela nessa estação... foi da novela A cabana do Pai Tomás e, usaram a casa dela pra eles trocarem de roupa né. Na época eram os artistas aquele pessoal da gravação... eu não sou dessa época. Ela que contava pra gente...”<sup>25</sup>*

O relato de Dona Lídia nos remete a análise dessa memória ainda presente nos moradores antigos, mas que constituem outro sentido para aqueles que vivem no entorno da estação sem a experiência de vê-la em funcionamento. Viajar em suas locomotivas ou participar das instituições e apropriações que ocorreram nos prédios da mesma naquela época constituiu-se como memória afetiva mais profunda que se difundiu. Portanto, a estação para Dona Lidia toma outro sentido, sendo constituída através de outras memórias e de outros legados que se tornam parte também de sua história, através do sentimento de pertencimento e identidade local.

Analisando as narrativas de Dona Lidia, acredita-se que o sentimento e a visão dos mais jovens a respeito da estação possam se diferenciar das anteriores. Pois através

---

<sup>24</sup> Cf. NORA, Pierre. *Entre a história e a memória: a problemática dos lugares*. Revista Projeto História, São Paulo, v.10, p. 7-28, 1993.

<sup>25</sup> Esta entrevista foi concedida por Lídia de Freitas Verly Gouveia a pesquisa em 31 de julho de 2016, em Nova Iguaçu

da constatação de alguns relatos recolhidos de moradores entre oito a dezesseis anos, percebe-se uma relação distanciada deste bem. Os adolescentes, por exemplo, possuem a consciência que há uma relação histórica entre a estação e a localidade de Vila de Cava. Através desta informação tomo como exemplo à “adolescente Y” que em seu depoimento ela afirma: “*Ali sei que funcionou sim, não sei quando. Sei que tem alguma história. Minha vó me contou*”<sup>26</sup>. A adolescente certamente possui alguma informação a respeito da estação através das histórias contadas por sua avó. Apesar disso, ela não soube explicar exatamente o quê? Acredita-se que as significações desse espaço em seu tempo são diferentes e talvez muito distantes do tempo de sua progenitora.

Algumas crianças também foram entrevistadas, e apesar da informalidade as respostas espontâneas trouxeram a essa pesquisa a reflexão das temporalidades e as (re) significações que esse patrimônio trouxe a comunidade de Cava. A maioria delas percebe a estação como ela é em sua materialidade. Havendo a ausência de um saber comum, de informações e a conscientização dos habitantes mais novos da comunidade de Cava. Como se percebe na fala do “menino Z” de oito anos. Ao se interpelar sobre a estação no que ela representava ou o que ele sabia a respeito, este sem retrucar respondeu: “*Lava jato*”<sup>27</sup>.

Ao elucidar a questão notam-se as diferentes percepções da estação de Vila de Cava através das memórias que se cruzam no mesmo espaço, com visões e concepções diferentes e pontuais, que mudam de geração a geração. São o que se pode chamar de “Histórias Interconectadas” que segundo José de Assunção “... *pode deslocar-se através de diferentes grupos sociais, identidades étnicas, definições de gênero, minorias...*” Aos primeiros, uma relação de pertencimento, saudades e nostalgia, para os outros o sentimento de pertence e identidade coletiva através da memória e, para os últimos a representatividades desta no tempo presente. Para os últimos devem-se ressaltar os estudos afirmam que:

*“...Ao se valorizar o acervo existente na cidade se estimula a preservação, seja de bens materiais, seja da cultura, da oralidade, e essa herança vai sendo passada de geração a geração. Esse sentimento de pertencimento*

---

<sup>26</sup> Esta entrevista foi concedida pela adolescente Z a pesquisa em maio de 2016, em Nova Iguaçu

<sup>27</sup> Esta entrevista foi concedida pelo menino Z a pesquisa em agosto de 2016, em Nova Iguaçu.



*auxilia no reconhecimento do espaço e não apenas no reconhecimento, mas na preservação local...” (SILVA Alt ali, 2016, p.105)*

A afirmativa nos leva a reflexão sobre a historicidade que pode se construída a partir do resgate das diferentes memórias e a partir das distintas construções de sentido que se agregam a diferentes patrimônios. Em particular, Vila de Cava e seus habitantes possuem historicidades distintas de acordo com o seu tempo e suas história ligadas a estação.

Histórias ligadas a um mesmo objeto, porém em determinado tempo ou circunstâncias diferentes, mas que se constituem em singularidades individuais, em que os acontecimentos se dão em torno de um mesmo objeto, com características peculiares para cada indivíduo. Pois nada acontece exatamente igual para todos os indivíduos, as sensações, os sentimentos, as emoções a leitura e a representação de um objeto ou fato, se constituem em sentidos diferentes para cada ser humano, mas sendo possíveis as interseções existentes e os pontos em comum para cada deles, em relação ao espaço e tempo. *“Histórias Interconectadas” no sentido de que o historiador é quem define o que estará “conectando”... (BARROS, p.282)*

Neste ponto de vista, a estação pode ser percebida como um espaço de memória, marcado por singularidades existentes no universo de cada indivíduo de Vila de Cava. Essas peculiaridades produzem um sentido de pertencimento que geram a experimentação do próprio patrimônio histórico como vivência. Fomentar a consciência e valorização histórica da estação de Vila de Cava contribuirá para a construção de memórias e sentidos que produzam um sentimento de identidade, pertencimento e resgate do pensamento coletivo das estórias desses homens e mulheres, que ainda vivenciam as dinâmicas da estação e suas (re)significações. Vislumbrando algo maior que a sua materialidade como um monumento de “pedra e cal”, mas passeando também na esfera do que não se pode ver ou apalpar, o “intangível”, aquilo que ela é, o que a faz ter “valor” e “sentido”.

### **CAPÍTULO III – SINGULARIDADES HISTÓRICAS:** *História, os “lugares de sentido” na perspectiva da Educação Patrimonial*

Há aproximadamente 132 anos a estação de Vila de Cava encontra-se de pé. Sua construção se deu em consequência do decreto nº 2639 de 22 de setembro de 1875, aprovado com o intuito de captar água dos mananciais da Serra do Tinguá até a Província do Rio de Janeiro. A obra teve o dispêndio de dezenove mil contos de réis, para a instalação de cerca de 45km de tubulação. As peças eram inspecionadas na Imperial Quinta do Caju, antiga casa de banho de D. João VI, e a linha auxiliar Rio D'Ouro concluída por volta de 1883 e inaugurada por D. Pedro II no mesmo ano. (MARTINS, 2012)

Funcionando como estação parada de abastecimento das locomotivas e, posteriormente, como embarque e desembarque de passageiros pagantes, a estação permaneceu ativa por quase oitenta anos. Nesse período abarcou centenas de histórias em que os protagonistas desta eram os moradores de seu entorno. Estes puderam experimentar a estação em sua atividade plena de função e uso. Muitas foram as apropriações que nela foram feitas: constituiu-se como espaço de entretenimento, moradia e comércio. Esses espaços proporcionaram a população uma gama de histórias (re)significadas na mesma medida em que o espaço da estação também ia sendo transformado e (re)significado. A população de Vila de Cava pode presenciar a estação em seu apogeu e declínio, agregando a ela diversos sentidos ligados a sua própria história.

#### **3.1- SINGULARIDADES NA PRODUÇÃO DE SENTIDO:** *individualidades, percepções e educação acerca do patrimônio*

A estação de Vila de Cava tem histórias constituídas desde a sua construção e materialidade. Muitos grupos que viveram, em seu entorno através de diferentes contextos, inscreveram histórias no tempo. As experiências de vida que estão ligadas direta ou indiretamente a estação, fazem parte do legado histórico e das particularidades de dezenas de indivíduos, assim como ela também fez parte da história destes em um determinado momento de suas vidas, ocupando memórias com diferentes sentidos.

Nessa disputa entre memória e história, como se refere o autor LE GOFF (1994) “... *O fato histórico é singular...*” (p.50), para o autor os fatos só acontecem uma vez e com sua primazia, privilegia os indivíduos que fazem parte dele.

Percebe-se assim através dos relatos, que apesar do tempo, a memória social coletiva e o sentimento de pertencimento ainda se encontram presente em muitos moradores do entorno da estação. Através dela cada indivíduo remontam a sua própria história particular, que segundo a afirmativa COELHO (2008) não se repete, pois os protagonistas são indivíduos distintos. Pra o autor “...*cada acontecimento é protagonizado por sujeitos distintos, também irrepitíveis. Só mediante uma arbitrariedade metodológica se pode desconsiderar a evidência da singularidade dos sujeitos históricos...*”(COELHO, p.03). O autor admite que seja clássica a afirmativa da singularidade do objeto histórico, principalmente quando esta trata da história dos acontecimentos sociais e políticos. Neste sentido, o autor EURELINO COELHO (2008) afirma ainda:

*“... no entanto, há reprodução, sistema e totalidade, mas também há transformação, singularidades e sujeitos na história. A exigência de dar conta de ambas as dimensões constitutivas do objeto não é eliminada pela decisão metodológica de privilegiar uma delas em detrimento da outra. Este é o dilema metodológico que se impõe a qualquer historiador, quer ele o enfrente conscientemente ou não...”* (p.05)

O autor em sua afirmativa reitera que a redução do debate metodológico em História torna impossível a “...*defesa da própria produção a produção contrária...*” (p.05). Assim, a História Oral e seus relatos orais (BARROS, 2010), , proporcionaram um olhar mais aprofundado sobre as diversas interpretações acerca da estação de Vila de Cava, permitindo observar como a representação desta, aparece em diferentes contextos para cada um dos entrevistados.

Estas histórias tão particulares pode-se chamar de “Histórias Singularidades” ou quem sabe talvez de “Singularidades Históricas”, pois que essas histórias são únicas e particulares e se constituem como Histórias ligadas a um determinado objeto ou fonte histórica em diferentes temporalidades e contextos. A história Seu Orlando, Dona Arlete, Dona Piedade, e os outros tantos entrevistados são histórias únicas, particulares. E apesar de estarem situadas em torno do mesmo objeto, são singulares, assim como a memória de seus oradores. Para cada um deles um deles o mesmo objeto foi apropriado

de forma específica, produzindo um sentido único presentificados por suas memórias afetiva, e diferentes concepções para cada indivíduo. Estórias que vão além do monumento ali descrito e palpável, a “pedra” e o “cal”, ganham um sentido muito mais amplo, através dos próprios aspectos sociais, nas dinâmicas do tempo e nas fronteiras da imaterialidade.

Em particular cada um apresenta sua vivencia e um olhar diferenciado e único para este patrimônio. O movimento de rememorar através do mecanismo da História Oral fez com que viesse a tona a estação como um lugar de memória. Cabe agora a Educação Patrimonial dar conta daquilo que se espera sobre o verdadeiro sentido da noção do patrimônio. A estação possui além do tombamento expressivo reconhecimento social que precisa ser estendido à população da Baixada Fluminense. Segundo a Coordenação de Educação de Patrimônio do IPHAN:

*“... A Educação Patrimonial se constitui de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o patrimônio cultural apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócia histórica das referências culturais em todas as suas manifestações com o objetivo de colaborar para o seu reconhecimento, valorização e preservação. Considera ainda que os processos educativos de base democrática devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais onde convivem noções de patrimônio cultural diversas...” (FLORENCIO,2014)<sup>28</sup>*

Através da afirmativa acima se pode constatar o quanto a Educação Patrimonial tornar-se um elemento chave para a promoção da coesão social e para o resgate da memória da estação de Vila de Cava. A mesma é fundamental para a difusão das diversas histórias singulares dos indivíduos em torno da estação e das próprias (re)significações pela qual esta passou ao longo do tempo. Estas estórias, presentes na dimensão imaterial, da estação, convertem a mesma em patrimônio cultural, pois fazem vir à tona práticas, saberes, vivencias e muitos outros elementos do cotidiano dos moradores de Vila de Cava.

---

<sup>28</sup> Cf. FLORENCIO, Sônia R. Rampim et al. *Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos*. Brasília: Iphan, 2014.

### 3.2- A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: *o aprender fazer produz sentido*

O que são as memórias da estação de Vila de Cava a não ser um rememorar, uma nostalgia, um sentimento de pertencer, ou talvez o de não pertencer? Que visões teriam os moradores de Vila de Cava de sua estação, senão a idéia de um lugar que trouxe a comunidade um período de apogeu, em que se acreditava que ali chegaria o progresso? E que sentimento traz agora para a população mais velha? E para os mais novos? A estação ocupa diversas percepções, diversas sensações, diferentes “lugares de sentido”.

O que se percebe é que não há uma unidade, já que o sujeito histórico é único, e as singularidades produzidas pela estação, trazem elementos que se fundem entre o sentimento de pertencimento através da memória social coletiva, e através da idéia de um legado que se encontra presente em sua materialidade, porém, pouco significativo historicamente para aqueles que desconhecem a história da estação. Para (LIMA, 2009) a perspectiva do contar e do narrar é indispensável para o desenvolvimento da condição humana, segundo a autora:

*“...Destaca-se aqui uma função orientadora da vida prática muito evidente pelas histórias contada se que é intrínseca à existência humana. O ser humano precisa contar histórias para dar sentido à sua existência. Contamos histórias para entender quem somos, o que queremos, o que podemos fazer. Quando pensamos na História de hoje, tão distante da vida prática dos homens, esquecemo-nos da função social...”(p.8)*

Acredita-se, portanto, que a resposta para as indagações anteriormente apontadas estão na perspectiva da Educação Patrimonial, pois somente através dela, vivencia-se efetivamente o conceito de cultura. Segundo o (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, p.187, 1983) “... ele permite compreender o sentido dos atos humanos como frutos da convivência social...”, e assim o sentimento de pertencimento começa a fazer sentido a partir do momento que o individuo se reconhece como parte da história de seu lugar. Florenço aborda as temáticas de (BRANDÃO, 1994), em que a mesma concordando com autor e diz com suas palavras:

*“...É importante destacar que os processos educacionais que tenham como foco o patrimônio cultural devem estar integrados às demais dimensões da vida das pessoas. Em outras palavras, devem fazer sentido e serem percebidos nas práticas cotidianas. É preciso, ao contrário, associar continuamente os bens culturais e a vida cotidiana, como criação de símbolos e circulação de significados...”(BRANDÃO, 1994,p.22)*

Segundo a autora na década de oitenta, já existiam estudos e pesquisas com a finalidade de se proporcionar meios para que as comunidades participassem dos processos de patrimonização. Estes estudos deveriam partir dos valores da própria comunidade, para que esta tivesse melhor interação com os resultados pré-definidos, e que estes fossem produzidos pela mesma. Entretanto, vale ressaltar que de acordo com os estudos do IPHAN o processo não seria assim tão simples, pois se faz necessário um longo processo de debates teóricos, metodológicos e práticas educativas voltadas à cultura de Educação Patrimonial, que ao mesmo tempo, devem ser amparados por premissas conceituais. (p.9)<sup>29</sup>

Analisando melhor os fatos, sem contrapor o documento de tombamento provisório da estação aqui já mencionado, em pesquisa mais aprofundada sobre a data do documento e as afirmativas acima apontadas, percebe-se que o grupo ao produzir o documento, atentou-se em pensar em questões administrativas e políticas. E voltou-se muito pouco para a produção de um documento que se dedicasse para o olhar que a comunidade de Vila de Cava tinha sobre a estação. Isso se deve ao fato de que no processo não há qualquer relato ou foto de moradores da região. Além disso, as notificações enviadas aos moradores dos prédios da parte interna da estação estão sem guia de remessa em julho de 1989, mês e ano que a estação foi tombada. Ouvir as experiências em torno da estação e analisá-las, também faz parte do saber-fazer histórico. Como se refere (CAIMI, 2001) a manutenção das memórias se constitui com as experiências e com os significados das memórias coletivas através do esforço dos historiadores.

*“...A história distingue-se da memória na medida em que deve não só se preocupar com os usos e a manutenção das lembranças herdadas, mas também, sobretudo, buscar lembranças esquecidas, descrevê-las, explicá-las... a História consiste num “conjunto de artefatos intelectuais para a constituição da experiência coletiva, para dar-lhe significado, entendê-la em nosso presente e para preparar o futuro”. O esforço dos historiadores para descrever, explicar e dar sentido ao passado...” ( CARRETERO, 2007, p.10)*

Nesta perspectiva, acredita-se que não ouvir a voz da comunidade sem fazer com que esta participasse efetivamente do processo de patrimonização da estação,

---

<sup>29</sup> Cf. IPHAN- *Educação Patrimonial: Histórias, Conceitos e Processos*, 2014. Disponível em <http://iphan.gov.br/> acesso em 16 de jan. 2017.

fez com que a visão da comunidade sobre ela fosse de cima para baixo e não de baixo para cima, pois o não conhecer não nos faz pertencer. Em outras palavras, a não participação da comunidade através de uma mobilização acerca do patrimônio e por vez de orientações partindo das premissas da Educação Patrimonial, acabaram por fim, tornado heterogêneo os elementos que fomentam a inserção social, em que os sentimentos e os sentidos dados a estação tomaram rumos bem diferentes do que se espera para seu reconhecimento, sua valorização e preservação.

Por certo, se na época o grupo buscasse alternativas de práticas educativas já fomentadas naquele período, provavelmente a visão da comunidade de Vila de Cava e dos bairros no entorno seria bem diferente sobre a estação. As reflexões quanto ao que se espera sobre uma consciência cidadã e a formação de identidade foram de certa forma negligenciadas, comprometendo as premissas que fomentam as práticas que legitimam a formação de um patrimônio cultural.

Neste sentido, Florenço (2001) acredita que a Educação Patrimonial pode partir de ações das universidades, instituições públicas e privadas, ações políticas e da sociedade civil, ajudando a fortalecer as relações da comunidade com a formação da identidade e da história de seu lugar. Sendo necessário o desenvolvimento de estratégias e de dinâmicas de ensino-aprendizagem inerente a contemporaneidade, pois estas ajudam na construção do que se espera a respeito da valorização e preservação das memórias do patrimônio. Para estas afirmativas a autora ainda acrescenta:

*“...O caminho e, ao mesmo tempo, o maior desafio, é desenvolver atividades que se voltem para uma educação do patrimônio, para o patrimônio... Entender ações educativas para o patrimônio não está em “capacitar” para a preservação, com valores impostos por conceitos jurídicos, acadêmicos ou políticos, mas na afirmação contínua de que as pessoas são protagonistas no processo, sendo os seus valores e conhecimentos produzidos reconhecidos. O primeiro passo é a educação para o patrimônio...” (FLORENÇO, 2001, p.14)*

Pode-se assim fazer conhecer para educar, através das metodologias e práticas educativas que fomentem a formação do patrimônio. Mas este, com o reconhecimento de sua comunidade, de forma que esta possa se identificar como sujeito participante e agente do processo. Florenço (2001), retomando Vygotsky afirma que “...ações

*mediadoras”, conforme cita Vygotsky<sup>30</sup>, para a “afirmação dos sujeitos em seus mundos, em suas culturas”, que devem perpassar nas aplicabilidades de políticas públicas voltadas para o Patrimônio Cultural, mas também se aproximar da educação formal por meio das instituições escolares...”*. A Educação Patrimonial permitiria que a estação de Vila de Cava, “lugar de memória expressivo” inscreve-se na vivência de outros indivíduos uma identidade histórica mais ampla de sua comunidade. Sendo necessária a busca de conceitos, métodos e práticas educativas que fomente a inserção social para a produção do patrimônio cultural.

---

<sup>30</sup> VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se através dos estudos sobre a Estação de Vila de Cava até aqui analisados, que a mesma passou por diversas (re)significações desde a época do Brasil Império até os dias atuais, algumas delas com a ação do Estado, e outras com a influência de sua própria população.

Tal afirmativa pode ser constatada através da sua construção no final do século XIX, para a conclusão das obras da adutora de Rio D'Ouro, na circulação de locomotivas para o escoamento de produtos agrícolas, minério de ferro, e o transporte da população de seu entorno. Ainda se pode relacionar à afirmativa, ao fato de que a mesma funcionou como sede administrativa da Companhia Estadual de Água e Esgoto (CEDAE), e o Movimento de Alfabetização Brasileiro que permitiu que a comunidade de Vila de Cava e seu entorno participasse do (MOBRAL) entre as décadas de 60 e 70.

Entretanto, nota-se através da pesquisa, que não somente o Estado interveio nestas (re)significações da estação, mas também a própria população, que a princípio, enxergava a mesma como um local para encontros de amigos, ou entretenimento no final da década de 60, quando houve a gravação de uma novela. Época que a estação se tornou quase um teatro a céu aberto, já que ali circulavam atores e atrizes famosos.

Hoje, infelizmente a estação de Vila de Cava tornou-se um local de moradia e livre de comércio, que garante, até os dias atuais, o sustento de muitas famílias que vivem nos prédios e nas áreas que pertencem à estação. Contrastando a paisagem local longe do que se espera de construções modernas e contemporâneas.

Nota-se que as diversas modificações que ocorreram na estação possibilitaram a mesma múltiplas percepções e “lugares de memória,” os quais podem ser constatados na fala dos moradores através dos relatos orais. Por conseguinte, a busca para se compreender estas “memórias” dadas à estação, se faz maior do que as suas próprias (re)significações, pois as mesmas resgatam sentidos que a elevam além de um patrimônio de “pedra e cal”.

Concluí-se que de fato, só poderá ter o reconhecimento da estação de Vila de Cava como um patrimônio cultural, através da mudança do olhar de sua comunidade e das demais de seu entorno. Entretanto, em uma análise mais profunda, infere-se que isto

só será possível a partir da Educação Patrimonial, com a participação efetiva da comunidade no processo de reconhecimento da estação não somente na esfera de patrimônio material, mas também do intangível por suas diversas histórias, seus “lugares de sentido” e pela sua própria dinâmica na contemporaneidade.

A estação de Vila de Cava encontra-se na área central de seu bairro, sendo de fácil acesso para visitantes das reservas do Tinguá e Jaceruba, assim como para outros demais que visitam parentes, amigos ou aqueles que necessitam dos serviços de saúde e comércio oferecidos na região. Estes, quase que obrigatoriamente, ao chegar à localidade, deparam com a mesma, muitos, sem compreender as dinâmicas históricas que permeiam a estação, ou nem mesmo a reconhecem como um patrimônio cultural tombado.

Apesar de todos os problemas ocorridos e todas as adversidades aqui já apontadas, em óticas tanto positivas como negativas, não se pode negar toda a História da estação de Vila de Cava e as múltiplas estórias que ela agrega, cada qual com a sua singularidade. Está última remete a estação um sentido maior, pois as Histórias Singulares que giram em torno deste único objeto, fazem dela um patrimônio material e imaterial, por ser tratar de algo que atua na memória social e coletiva.

Posto que neste sentido, a estação pode ser percebida na esfera de bem cultural de natureza imaterial e intangível por estar voltada em práticas e domínios da vida social, pois segundo o IPHAN este conceito refere-se quando o patrimônio “...constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade...” Analisando a afirmativa anteriormente citada, pode-se afirmar que a estação de Vila de Cava é um patrimônio cultural imaterial por preencher todas as prerrogativas apontadas pelo instituto, como também nas práticas de Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial de acordo com a definição da Convenção da UNESCO.

Assim, a estação manifesta-se no vivido e no cotidiano dos moradores locais, que a reconhecem como patrimônio ou simplesmente como um antigo monumento. Ela também faz parte do cotidiano dos não moradores, pois estes se deparam com o prédio da estação, que mesmo de forma precária, ainda permanece de pé, na região central do bairro de Vila de Cava. Trata-se de uma edificação “tímida” e “imponente” que resiste, sem deixar de ser um patrimônio cultural da cidade de Nova Iguaçu.



## BIBLIOGRAFIA

ALAMBERT, Clara Correia d', Manifestações da arquitetura residencial paulistana *entre as guerras*. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

ALBERT, Virena. Manual de História Oral. 3ª Ed. Rio de Janeiro. FGV Editora, 2005.

BARROS, José D'Assunção. O Campo da História: Especialidades e Abordagens, Editora Vozes, Rio de Janeiro, 2010.

\_\_\_\_\_. Histórias Cruzadas: considerações sobre uma nova modalidade baseada nos procedimentos relacionais, *In Revista do Programa de Pós Graduação em História*, v. 21, nº 40, Rio Grande do Sul, 2014.

\_\_\_\_\_. Os usos da temporalidade na escrita da História. *In Saeculum – Revista História* [13], João Pessoa, jul/dez, 2005.

BRASIL. Constituição (1988). Artigo 216.

CAIMI, Flavia Eloisa, História Escolar e memória coletiva: como se ensina? Como se aprende? FGV, Rio de Janeiro, 2001.

CARVALHO, José Murilo de. A Construção da Ordem: a elite política imperial; Teatro das Sombras: A política imperial. 2ª edição, Rio de Janeiro, 1996.

CHUVA, Márcia, Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil. *In Revista do Patrimônio Histórico Nacional*, nº 34, Brasília-DF, 2012.

FONCECA, Maria Cecília, O patrimônio em processo: trajetórias da Política Federal de Preservação no Brasil. Editora UFRJ/IPHAN, 2ª edição. Rio de Janeiro, 2005.

FLORENCIO, Sônia R. Rampim et al. Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos. Brasília: Iphan, 2014.

<https://www.estaçõesferroviarias.com/> acesso em 30/07/2016

IPHAN- Educação Patrimonial: Histórias, Conceitos e Processos, 2014. Disponível em <http://iphan.gov.br/> acesso em 16 de jan. 2017.

*In* Concepções, Memória e Patrimônio cultural: História, Sociedade e Educação em foco Elis Regina Barbosa Angelo, Euler David de Siqueira (Orgs). Editora Prismas, Paraná, 2016.

*In* Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Regina Abreu, Mario Chagas (Orgs). Editora Lamparina, DP&A, Rio de Janeiro, 2003.

KESSEL, Carlos, Estilo, disputa e poder: arquitetura neocolonial no Brasil. Artigo Doutorado História Social, IFSC- UFRJ, Campinas, 1999.



LE GOFF, Jacques. Memória. In: História e Memória. Editora da Unicamp, Campinas, São Paulo, 1994.

LIMA, Maria, As diferentes concepções de ensino e aprendizagem no Ensino de História. Fronteiras, Dourados, MS, v. 11, n. 20, p. 43-57, jul./dez. 2009.

MARIANO FILHO, José, *Debate sobre estilos e urbanismo*. C. Mendes Junior, Rio de Janeiro, 1943

MARTINS, Ronaldo Luiz, Rio D'Ouro: caminho de ferro e caminho das águas. *In* Resenha Digital publicação e- magazine trimestral IHGBI, ano 1, nº 2, janeiro, fevereiro, março, Rio de Janeiro, 2012.

MONTENEGRO, Antônio Torres. História, Metodologia, Memória Editora Contexto: São Paulo, 2010.

NETO, Eurelino Teixeira Coelho, Para a crítica de certa razão histórica: sobre o método e os historiadores. Lab. de História e Memória da Esquerda e das Lutas Sociais – LABELU/UEFS, 2008.

NORA, Pierre. Entre a história e a memória: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*, São Paulo, v.10, p. 7-28, 1993.

[pt.eurail.com/europe.by-train/Portugal/](http://pt.eurail.com/europe.by-train/Portugal/) acesso em 10/ 06/ 2016

PINTO, Leonardo Aguiar Rocha. *Fregueses e freguesias: ação do Estado português sobre o povoado ao longo das vias de comunicação entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Rio de Janeiro. Editora STAMPA, 2007.

[Portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234](http://Portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234) – acesso em 01/ 07/ 2017

RODRIGUEZ, Hélio Suevo. A formação das estradas de ferro no Rio de Janeiro. O regate de sua memória, editora Open Plus Gráfica e Editora, Rio de Janeiro, 2004.

TORRES, Gêneses. *Baixada Fluminense: a construção de uma história*. Sociedade, economia, política, editora IPAHB, Rio de Janeiro 2004.



## **REFERÊNCIAS**

### **FONTES ORAIS:**

- 1.1 – Entrevista concedida por Sr. M a pesquisa em setembro de julho de 2015, em Nova Iguaçu.
- 1.2 - Entrevista concedida pela Sr<sup>a</sup> N a pesquisa em setembro de 2015, em Nova Iguaçu.
- 1.3 – Entrevista concedida por Maria da Penha a pesquisa em setembro de 2015 e 30 de julho de 2016, em Nova Iguaçu.
- 1.4 -Entrevista concedida pela adolescente Z a pesquisa em maio de 2016, em Nova Iguaçu.
- 1.5 -Entrevista concedida por Orlando Lopes Portela a pesquisa em 30 de julho de 2016, em Nova Iguaçu.
- 1.6 - Entrevista concedida por Arlete Pereira Lopes Portela a pesquisa em 30 de julho de 2016, em Nova Iguaçu.
- 1.7 -Entrevista concedida por Lídia de Freitas Verly Gouveia pesquisa a em 31 de julho de 2016, em Nova Iguaçu.
- 1.8 - Entrevista concedida pelo menino Z a pesquisa em agosto de 2016, em Nova Iguaçu

### **FONTES DOCUMENTAIS:**

- 2.1 - Documento de Nova Iguaçu, Processo de Tombamento Provisório nº E-12/000117/89 de 05 de janeiro de 1989 à 12 de junho de 1989 – INEPAC
- 2.2 – Documentos cedido pela Gerência de Patrimônio da Companhia Estadual de Água e Esgoto (CEDAE) – Av. Presidente Vargas – nº 2655 – Centro – Rio de Janeiro.

# ANEXOS



## ANEXO I – GLOSSÁRIO

**Historicidade:** conjunto de fatores que constituem e condicionam a história de um determinado objeto de pesquisa.

**História Oral:** Subdivisão historiográfica refere-se a um tipo de fonte com o qual o historiador trabalhar, a saber, os testemunhos orais. (BARROS, p.132, 2010)

**Mobral:** Movimento Brasileiro de Alfabetização baseado no projeto de Lei nº 5.379 de 15 de dezembro de 1967, com a proposta de alfabetização funcional de jovens e adultos, que por algum motivo não puderam estudar ou abandonaram a escola no período da fase escolar. A iniciativa educacional atendeu a população brasileira entre os anos de 1967 a 1985, período em que o Brasil estava submetido ao governo militar.

**Patrimônio:** É o conjunto de bens materiais ou imateriais que contam a história de um povo e sua relação com o meio ambiente. É o legado que herdamos do passado e que transmitimos a gerações futuras, podendo ser classificado em Patrimônio Histórico, cultural e ambiental. (Fonte: <https://www.artigo1.com.br/index.php>)

**Patrimônio material:** conjunto de bens classificados conforme o livro de Tombo pode ser: arqueológicos, paisagístico, etnográficos, histórico, belas artes e artes aplicadas.

**Patrimônio imaterial:** bens culturais que dizem respeito a práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer celebrações, expressões plásticas, musicais ou lúdicas que abrigam práticas culturais e coletivas.

**Patrimonialização:** ato de tornar um bem com valor de patrimônio, com o sentido de preservar e resguardar através de meios legais.

**Ressignificações:** atribuir um novo significado a algo, lugar ou conceito, através de uma nova ótica.

**Rio D'Ouro:** 1-Bairro localizado na região de Vila de Cava cidade de Nova Iguaçu, cuja área e população são rurais, com grande quantidade de animais silvestres em sua, reserva biológica preservada com abundantes mananciais.

2- Rio antes navegável encontra-se geograficamente entre os limites das cidades de Nova Iguaçu e queimados. Serve de rede de abastecimento para bairros das cidades de Nova Iguaçu, Queimados da região suburbana do município Rio de Janeiro.

3- Reservatório construído no final do século XIX, considerado uma jóia arquitetônica localizado em um sítio natural coberto por mata atlântica.

4-Estrada de ferro inaugurada no final do século XIX com o intuito de abastecer a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

5- Estrada de ferro construída as margens do Rio D`Ouro cuja nascente se encontra na região da Espanha, possuindo uma bacia hidrográfica de 98.400 km<sup>2</sup>, sendo sua foz na cidade do Porto e Vila de Gaia.

6 – Estrada localizada no bairro da Pavuna, cidade do Rio de Janeiro, ligando o trecho a outros bairros da zona norte e subúrbio.

**Tombamento:** Palavra de origem portuguesa, tem sentido de resguardar um bem com valor a determinada comunidade protegendo-o por meio de uma legislação específica. Sendo um ato administrativo realizado pelo poder público com o objetivo de preservar, através da aplicação da Lei, bens de valor histórico, cultural, arquitetônico e ambiental para a população, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados. (Fonte: <http://www.patrimoniocultural.gov.br>) Acessado em 09/10/ 2016

**Vila de Cava:** 1-Antiga Freguesia de Nossa Senhora da Piedade do Iguassu no século XVII tornando-se Iguaçu Velho no século XIX.

2- Antigo bairro José Bulhões em homenagem a um grande latifundiário da região.

3- Vila de Cava do Sapê no início do século XX por conta da grande quantidade de capim sapê na região.

4- Estação de trem inaugurada no final do século XIX, destinada a parada de locomotivas à vapor.



## **ANEXO II - CRONOLOGIA DA ESTAÇÃO DE VILA DE CAVA**

1983 - Início de seu funcionamento em 15 de Janeiro, mesmo ano que a linha auxiliar de Rio D'Ouro foi inaugurada.

1979 – Funcionamento da Companhia Estadual de Água e Esgoto (CEDAE), com o prédio da estação como sede.

1964 – Têm início o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). As aulas são ministradas no prédio principal da estação por professores da região.

1966 – Ano da Ementa sobre a implementação política de supressão de trechos ferroviários antieconômicos através do Decreto de nº 58.992 de 04 de agosto, sob a Lei nº4.452 de 04 de novembro de 1964.

1969 – Gravações da novela A cabana do Pai Tomás nos prédios da estação.

1970- Ano que a linha Rio D'Ouro vê passar seu último trem.

## ANEXO III – PROCESSO DE TOMBAMENTO DA ESTAÇÃO DE VILA DE CAVA

E-12/000117/89

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU

TOMBAMENTO DE BENS EM NOVA IGUAÇU

- 1- IGREJA DE SANTO ANTONIO DA PRATA (JACUTINGA)
- 2- CAPELA DA FAZENDA DA MOSE
- 3- IGREJA DE N. SRA. DA CONCEIÇÃO DE QUEIMADOS
- 4- IGREJA N. SRA. DA CONCEIÇÃO DE MAPAPICU
- 5- CAPELA N. SRA. DE GUADALUPE
- 6- LAR DE JOAQUINA E ENTERRAMENTO DE LARANJAS
- 7- INSTITUTO DE EDUCAÇÃO PANGEL PESTANA
- 8- RESERVATÓRIO DO RIO DOURO
- 9- ANTIGA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE TINGUA
- 10- ANTIGA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE JACERUBA
- 11- ANTIGA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE VILA DE CAVA
- 12- ANTIGA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE RIO DOURO



PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU

F-49

41

Serviço Municipal de Planejamento - DEEMPLA

até ao orden

Grupo de Trabalho para Preservação do Patrimônio Natural e Cultural

Inventário dos Bens Culturais

SECRETARIA DE CULTURA

denominação e localização Antiga Estação de Vila de Cava  
Rua Alvaro Gonçalves, 43 Vila de Cava N. Iguaçu

período Início do século XX

estado de conservação Bom

grau de caracterização Preservada



#### SITUAÇÃO E AMBIÊNCIA

A antiga estação encontra-se integrada em rua de pouco movimento e de casario baixo. Fazem parte do conjunto, uma edícula que servia de bilheteria, a estação propriamente dita e, vizinha a esta, a construção do antigo entroncamento de águas da Cedae. Logo atrás, encontra-se um prédio que serviu como escritório da Cedae, e que de certa forma, também está integrado ao conjunto.



#### DESCRIÇÃO

A edícula que servia de bilheteria, é uma construção bastante simples, de tratamento "art-decô", cuja laje de cobertura avança além da platibanda formando um pequeno beiral. A estação é uma construção em dois pavimentos em estilo "missions" simplificado ou californiano, muito comum nas construções residenciais da época. É curiosa a justaposição dos dois exemplares- o primeiro à feição dos

uso atual	Residencial	filme
uso original	Residencial	foto
proprietário	Rede Ferroviária Federal S.A.	
cadastro imobiliário		

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU F. 44

Secretaria Municipal de Planejamento - SEMPLA

Grupo de Trabalho de Preservação do Patrimônio Natural e Cultural

Inventário dos bens Culturais

BENS IMÓVEIS  
- FICHA COMPLEMENTAR

Numeração  
documentação e informações complementares



Antiga bilheteria



Antigo entroncamento da Cidade



Antiga casa de administração da Cidade

blog 50



Estado do Rio de Janeiro  
PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU  
Gabinete do Interventor

PROCESSO Nº 2582/88 F.02

**GABINETE DO GOVERNADOR**

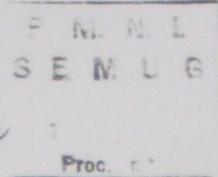
5 000 00117

DIVISÃO DE COMUNICAÇÕES  
PROTÓTIPO

Ofício nº 1.368/GI/88.

Em, 28 de dezembro de 1988.

*à Sec. de Educaç.  
com para parecer  
5-1-89  
Mun. Franco*

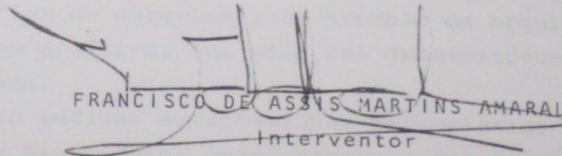


Senhor Governador,

Expressando os sentimentos da comunidade iguaçuana, encaminho a Vossa Excelência o trabalho realizado de levantamento dos exemplares mais significativos, do patrimônio cultural de Nova Iguaçu.

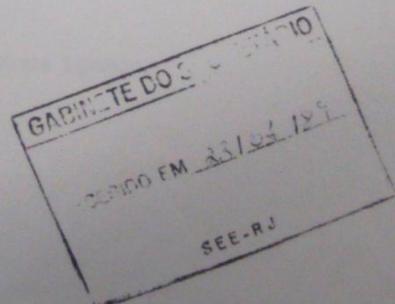
É nosso desejo que os bens arrolados sejam devidamente tombados pelo INEPHAC, preservando-se assim parte da memória deste Município.

Nesta oportunidade reitero a Vossa Excelência os protestos de elevada estima e consideração.

  
FRANCISCO DE ASSIS MARTINS AMARAL  
Interventor

Ao  
Exmº Sr.  
Dr. WELLINGTON MOREIRA FRANCO  
DD. Governador do Estado do Rio de Janeiro.  
RIO DE JANEIRO - RJ.

FCH/.

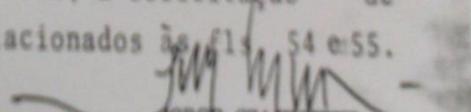


conjunto extraordinário do Reservatório do Rio  
D'Ouro, onde natureza, engenharia e arte se conjugam para  
possibilitar o progresso e o bem-estar do homem;

Importante, finalmente, a possibilidade que se  
oferece, através do tombamento estadual, de reconhecer o  
justo orgulho da população de Nova Iguaçu em relação a essa  
herança cultural que tão bem expressa sua própria sofrida  
e persistente operosidade.

Nesse sentido, levando em consideração suas qua-  
lidades históricas, artísticas e culturais, proponho a Vos-  
sa Senhoria encaminhar à Exma. Sra. Secretária de Estado de  
Educação e Cultura, nos termos do inciso I, artigo 5º do De-  
creto nº 5.808, de 13 de julho de 1982, a solicitação de  
tombamento provisório dos bens relacionados às fls. 54 e 55.

Em 07.04.89



JORGE CZAJKOWSKI  
Instituto Estadual do Patrimônio Cultural  
Diretor - Mat. 282734-8

DEPARTAMENTO GERAL DE ESTUDOS, PESQUISAS E PATRIMÔNIO  
INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL

EDITAIS

O Instituto Estadual do Patrimônio Cultural notifica aos proprietários ou a quem interessar possa que fica determinado o tombamento provisório, nos termos do inciso II, artigo 5º do Decreto 5.808, de 13 de julho de 1982, dos seguintes bens, todos situados no Município de Nova Iguaçu - RJ (Processo nº E-12/0117/89):

- Igreja de Santo Antônio de Jacutinga, atual Igreja da Prata - Estrada Plínio Casado s/nº - Bairro da Prata - Nova Iguaçu.
- Capela da Fazenda da Posse - Rua dos Contabilistas s/nº - Alto da Posse - Nova Iguaçu.
- Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Queimados - Praça Nossa Senhora da Conceição s/nº - Queimados - Nova Iguaçu.
- Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Marapicú - Largo de Marapicú - Nova Iguaçu.
- Capela de Nossa Senhora de Guadalupe (Igreja Velha) - Rua da Capela s/nº - Marapicú - Nova Iguaçu.
- Instituto de Educação Rangel Pestana - Rua Treze de Maio, 218 - Centro - Nova Iguaçu.
- Lar de Joaquina e Galpão (antigo entreposto de laranjas) - Rua Abílio Augusto Távora, 86 - Centro - Nova Iguaçu.
- Reservatório de Rio D'Ouro - Rio D'Ouro - Nova Iguaçu.
- Antiga Estação Ferroviária de Tinguá - Rua Nossa Senhora da Conceição, 234 - Tinguá - Nova Iguaçu.
- Antiga Estação Ferroviária de Jaceruba - Praça Boldão Paes Leme, 3 - Jaceruba - Nova Iguaçu.
- Antiga Estação de Vila de Cava - Rua Álvaro Gonçalves, 43 - Vila de Cava - Nova Iguaçu.
- Antiga Estação Ferroviária de Rio D'Ouro - Rua da Represa, 259 - Rio D'Ouro - Nova Iguaçu.

O Instituto Estadual do Patrimônio Cultural notifica aos proprietários ou a quem interessar possa que fica determinado o tombamento provisório, nos termos do inciso II, artigo 5º do Decreto 5.808, de 13 de julho de 1982, do imóvel conhecido como "Palácio das Águias", localizado à rua Erico Coelho nº 48 em Cabo Frio - R.J. (Processo nº E-03/18.229/88).

E-12/0117/89



SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL  
ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA  
DEPARTAMENTO GERAL DE ESTUDOS, PESQUISAS E PATRIMÔNIO  
INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL

PROCESSO nº 345/8  
data de 29/06/89

fls 79

Ofício nº 265/INEPAC

Rio de Janeiro, 29 de junho de 1989

Senhor Prefeito

O Instituto Estadual do Patrimônio Cultural tem a satisfação de comunicar a V. Exa. que, dada a importância histórica, arquitetônica e cultural, foi determinado o tombamento provisório, nos termos do inciso II, artigo 5º do Decreto nº 5.808, de 13 de julho de 1982, de acordo com o Processo nº E-12/0117/89 e conforme publicação no DORJ de 12.06.89, dos seguintes bens culturais situados em Nova Iguaçu:

- Igreja de Santo Antônio da Prata  
Estrada Plínio Casado, s/nº - Prata
- Capela da Fazenda da Posse (Sagrada Família)  
Rua dos Contabilistas, s/nº - Alto da Posse
- Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Queimados  
Praça Nossa Senhora da Conceição, s/nº - Queimados
- Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Marapicu  
Largo de Marapicu
- Capela de Nossa Senhora de Guadalupe  
Rua da Capela, s/nº - Marapicu
- Lar de Joaquina e Entrepasto de Laranjas  
Av. Abílio Augusto Távora, 86 - Centro
- Instituto de Educação Rangel Pestana  
Rua Treze de Maio, 218 - Centro
- Reservatório de Rio D'Ouro  
Rio D'Ouro
- Antiga Estação Ferroviária de Tinguã  
Rua N. S. da Conceição, 234 - Tinguã
- Antiga Estação Ferroviária de Jaceruba  
Praça Boldão Paes Leme, 3 - Jaceruba
- Antiga Estação Ferroviária de Vila de Cava  
Rua Álvaro Gonçalves, 43 - Vila de Cava
- Antiga Estação Ferroviária de Rio D'Ouro  
Rua da Represa, 259 - Rio D'Ouro

Na oportunidade, apresento protestos de estima e consideração.

JORGE CZARNEWSEK  
Instituto Estadual do Patrimônio Cultural  
Rio de Janeiro - Núm. 283765-P

Exmo. Sr.  
Dr. ALUISIO GAMA  
DD. Prefeito Municipal de Nova Iguaçu  
Rua Ataíde Pimenta de Moraes, 528  
Centro - Nova Iguaçu  
26.000

 **Serviço Público Estadual** GUIA DE REMESSA

Do: INEPAC  
Ao: Presidente da Rede Ferroviária S.A.

Junto encaminho os processos e/ou documentos cujos Nºs vão abaixo

Nº do processo /Ano/Identificação
<i>Notificação do tombamento provisório das antigas estações ferroviárias de Tinguá, Freixo, Vila de Cava e Rio W' Ouro.</i>

TOTAL: \_\_\_\_\_

DATA 14/04/89 Assinatura /Origem \_\_\_\_\_

Recebi os documentos acima mencionados:  
A. + 18

Assinatura/Matrícula (destino) \_\_\_\_\_

E- 12/0117/89

41 70<sub>m</sub>



INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL

PROTOCOLO Nº 340/89

Entrada  saída  em 1989 06 27 89<sub>m</sub>

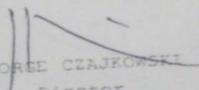
SERVICÓ PUBLICO ESTADUAL

ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA  
DEPARTAMENTO GERAL DE ESTUDOS, PESQUISAS E PATRIMÔNIO  
INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL

NOTIFICAÇÃO

Notificamos a V. Sa. que, dada a importância histórica e cultural da antiga Estação Ferroviária de Vila de Cava, localizada na Rua Alvaro Gonçalves nº 43, em Vila de Cava, Nova Iguaçu, fica determinado o tombamento provisório nos termos do inciso II, artigo 5º do Decreto nº 9.808, de 13 de julho de 1981, de acordo com o Processo nº E-12/0117/89 e conforme publicação no Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro em 12 de junho de 1989.

Rio de Janeiro, de junho de 1989

  
JOREE CZAJKOWSKI  
Diretor

Ilmo. Sr.  
Morador da antiga Estação Ferroviária de Vila de Cava  
Rua Alvaro Gonçalves, 43  
Vila de Cava  
Nova Iguaçu - RJ

## **ANEXO IV- ACERVO ICONOGRÁFICO DE VILA DE CAVA**

### **IMAGEM - 1**



**IMAGEM - 2**



**IMAGEM - 3**



**IMAGEM - 4**



**IMAGEM - 5**



**IMAGEM – 6**

